



COLEÇÃO PROINFANTIL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ministério da Educação
Secretaria de Educação a Distância
Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil



COLEÇÃO PROINFANTIL

MÓDULO II

UNIDADE 7

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2

Karina Rizek Lopes (Org.)
Roseana Pereira Mendes (Org.)
Vitória Líbia Barreto de Faria (Org.)

Brasília 2005

Ficha Catalográfica – Maria Aparecida Duarte – CRB 6/1047

L788

Livro de estudo: Módulo II / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005.
76p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 7)

1. Educação de crianças. 2. Programa de Formação de Professores de Educação Infantil. I. Lopes, Karina Rizek. II. Mendes, Roseana Pereira. III. Faria, Vitória Líbia Barreto de.

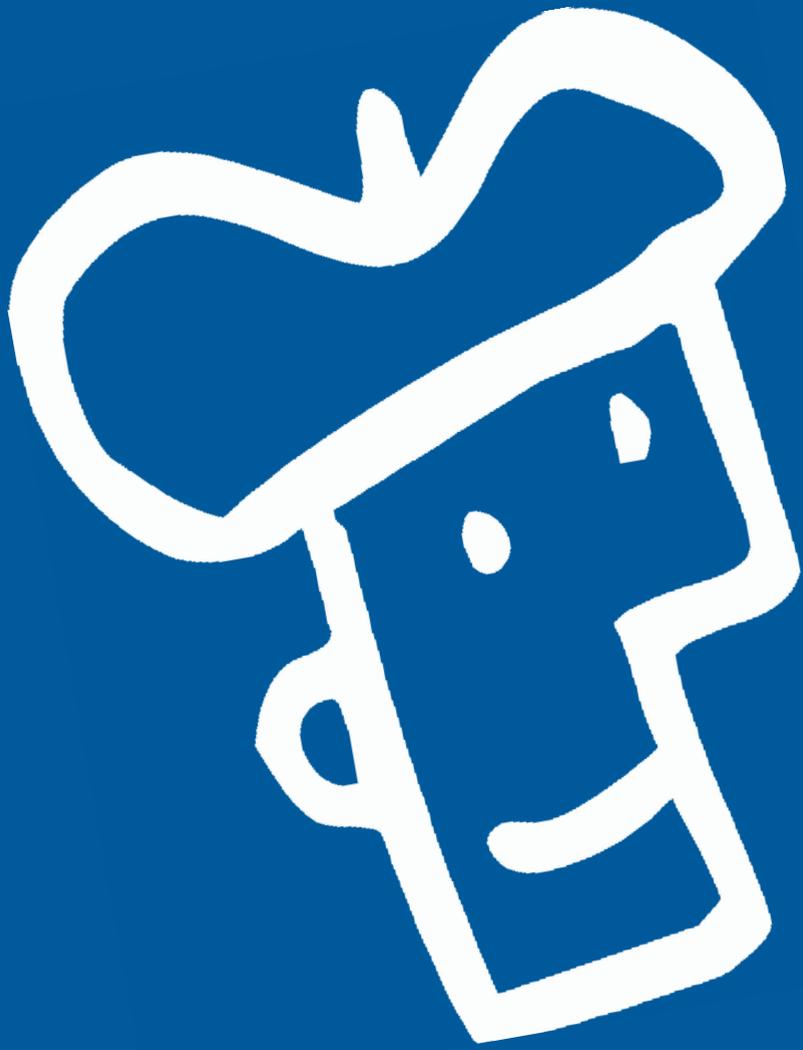
CDD: 372.2

CDU: 372.4

MÓDULO II

UNIDADE 7

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2



SUMÁRIO

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS 8

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA	9
Seção 1 – O brinquedo como produção cultural e histórica.....	11
Seção 2 – A cultura lúdica	17
Seção 3 – Ontem e hoje: a criança e suas formas de brincar	23
Seção 4 – O brincar e a construção de significados	28

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

O FAZ-DE-CONTA INFANTIL E AS MÚLTIPLAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO PELA CRIANÇA.....	41
Seção 1 – Contextos lúdicos	44
Seção 2 – Motricidade, afetividade, expressividade, pensamento e linguagem na aprendizagem	53
Seção 3 – Corporeidade e o desenvolvimento da sexualidade da criança	59
Seção 4 – Observar, registrar e avaliar a brincadeira infantil	66

C - ATIVIDADES INTEGRADORAS 74

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS



FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA

Não há dúvida que brincar significa sempre libertação.

Walter Benjamin¹



¹BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus Editorial, 1984. p. 64.

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Olá, professor(a)!

Estamos iniciando mais uma unidade, trazendo o brinquedo e a brincadeira para o centro do nosso estudo. Este tema nos lembra a infância e a criança, principalmente quando entendemos que o brinquedo e a brincadeira são meios significativos de interação da criança com a realidade.

Por isso, entender a relação entre o brinquedo, a brincadeira e a criança se torna fundamental para que você desenvolva uma prática que leve em conta a criança e seu jeito particular de ver o mundo.

Nesta unidade, desejamos que, além de aprender sobre o papel do brinquedo em uma perspectiva da reprodução social, cultural e histórica e, ainda, além de conhecer a importância da brincadeira como forma privilegiada de as crianças pequenas conhecerem, compreenderem e se expressarem no mundo, você possa rememorar sua própria experiência com o brinquedo e a brincadeira.

DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Objetivos específicos desta área temática:

- 1. Entender o papel do brinquedo em uma perspectiva da reprodução social e também em uma perspectiva de produção cultural e histórica.*
- 2. Entender o significado da cultura lúdica construída nas brincadeiras infantis.*
- 3. Conhecer as formas de brincar da criança ontem e hoje.*
- 4. Entender o brincar como forma privilegiada de as crianças pequenas conhecerem, compreenderem e se expressarem no mundo.*

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Esta área temática está dividida em quatro seções: a primeira seção vai apresentar o brinquedo na perspectiva da sua produção cultural e histórica, mostrando que o brinquedo traz consigo uma história e um contexto que ajuda a compreender as relações estabelecidas entre adultos e crianças; a segunda discute o significado da cultura lúdica enquanto uma construção da criança nas brincadeiras infantis; a terceira enfatiza as diferentes imagens de crianças e as diversas infâncias que podem ser reconhecidas na nossa sociedade,

podendo ser identificadas nas formas de brincar da criança em diferentes tempos e espaços; e a quarta apresenta o papel do brincar na construção de uma visão de mundo pela criança e na possibilidade que ele oferece para a criança conhecer, compreender e se expressar no mundo.

Seção 1 – O brinquedo como produção cultural e histórica

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- ENTENDER O PAPEL DO BRINQUEDO EM UMA PERSPECTIVA DA REPRODUÇÃO SOCIAL E TAMBÉM EM UMA PERSPECTIVA DE PRODUÇÃO CULTURAL E HISTÓRICA.

O brinquedo sempre lembra um tempo determinado e uma história.

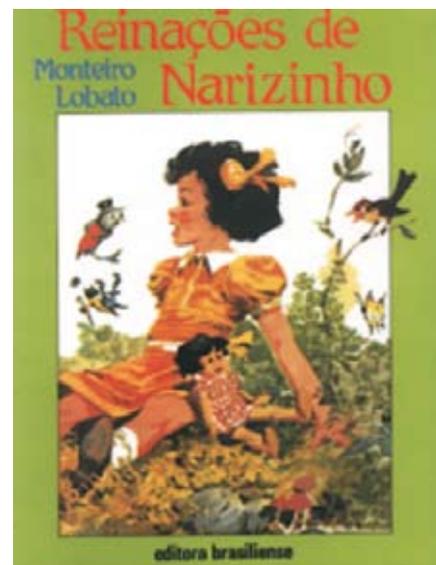
Quem já não ouviu falar do Sítio do Pica-Pau Amarelo e da boneca de pano chamada Emília? Eles fazem parte das histórias escritas por Monteiro Lobato no início do século XX. Com o trecho transcrito a seguir, Monteiro Lobato começa o seu livro “Reinações de Narizinho”.

Numa casinha branca, lá no sitio do Pica-Pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos.

*Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:
– Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...*

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós porque vive em companhia da mais encantadora das netas – Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho, como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.

Na casa ainda existem duas pessoas – tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobranceiras tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso, Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira.



LOBATO, Monteiro, 1993, p. 13.

José Bento Monteiro Lobato

Escritor, romancista e jornalista brasileiro, nasceu em Taubaté, São Paulo, no dia 18 de abril de 1882, e faleceu na capital de São Paulo em 4 de julho de 1948. Em 1918 editou seu primeiro livro de contos, *Urupês*, com grande sucesso, e iniciou sua atividade editorial fundando primeiro a empresa Monteiro Lobato & Cia., depois Companhia Gráfica-Editora Monteiro Lobato. Estreou em 1921 na literatura infantil com *A menina do narizinho arrebitado* (reeditado depois como *Reinações de Narizinho*). Escreveu a seguir *O Saci*, *O Marquês de Rabicó*, *Fábulas* e *Jeca Tatuzinho*, com milhões de exemplares vendidos. Lobato conseguiu criar um mundo novo, repleto de personagens célebres, como D. Benta, Pedrinho, Narizinho e Emília.



ATIVIDADE 1

- E você, recorda-se dos brinquedos da sua infância? Talvez seja um tempo bem distante, talvez não tão distante assim. Pode ser que sejam tantos brinquedos e tantas brincadeiras... mas pode ser que um brinquedo tenha sido especial. Você pode descrever esse brinquedo?*
- Por que você escolheu esse brinquedo?*
- Esse brinquedo foi feito por alguém ou foi comprado?*

Vamos ler o texto que se segue com atenção e pensar em algumas questões importantes sobre o brinquedo e a infância:

- Uma boneca de pano como a Emília, feita em casa num processo de interação, liga adultos e crianças, evoca a história cultural do brinquedo enquanto um objeto ligado à infância. Essa história começou com o próprio reconhecimento da infância como uma fase específica da vida.*



*Pulando foguinho,
"Cenas infantis". Sandra Guinle*

Como visto no Módulo I, Philippe Ariès, pesquisador francês, estudou a história social da criança e da família na Europa. Ariès constatou que, até o século XVI, a criança ainda não ocupava um lugar significativo nessa sociedade. Assim que conseguia sobreviver aos primeiros anos de sua vida, logo ingressava no mundo adulto, usando os mesmos trajes e participando das mesmas atividades. A alta mortalidade infantil não permitia um apego maior dos adultos com as crianças.

Na **sociedade feudal**, a criança era identificada com o adulto. Com o aparecimento da **sociedade capitalista urbano-industrial**, mudou também o papel e a inserção da criança na comunidade. As condições de vida melhoraram, novas relações sociais foram estabelecidas, em particular na família, e a criança passou a ter um espaço mais garantido na sociedade. Surgiu um novo sentimento em relação à infância, especialmente porque as pessoas começaram a ter consciência da *particularidade infantil*, ou seja, as coisas da criança que a diferenciavam do ser adulto. Desse modo, a criança passou a ter coisas direcionadas para ela: por exemplo, ganhou roupas especiais, diferentes daquelas que os adultos usavam.

Ariès identifica, então, a partir dessa época, duas atitudes aparentemente contraditórias, fruto do sentimento moderno da infância: a "paparicação", uma atitude de graça e encanto para com a criança por considerá-la pura e ingênua, e uma outra atitude, severa, a partir da compreensão da criança como um ser imperfeito e incompleto e que, por isso, precisava da "moralização" e da educação feitas pelo adulto. Por uma atitude ou por outra, a infância passou a ser reconhecida como uma fase específica da vida, com suas características e necessidades. Dessa forma, as crianças foram sendo alvos de ações específicas voltadas para elas. Isso possibilitou que o brinquedo fosse identificado como um objeto infantil.

Compreendendo um pouco mais

Essa idéia de uma infância a ser protegida ou moralizada nasceu a partir das relações estabelecidas na sociedade burguesa da Europa do século XVIII e XIX. Estabeleceu-se, assim, uma idéia universal de infância e de criança, como se todas as infâncias fossem semelhantes e todas as crianças passassem pelas mesmas fases no seu desenvolvimento. Hoje, a partir de muitas pesquisas e estudos realizados, podemos compreender que, como a sociedade burguesa na Europa produziu uma determinada visão da infância, também outras condições sociais, econômicas e históricas produzirão outros significados para a infância. A particularidade infantil precisa ser entendida, então, a partir da sociedade na qual a criança está inserida e das relações que adultos e crianças estabelecem entre si.

ATIVIDADE 2

Vamos pensar juntos sobre algumas questões do texto que acabamos de ler:

- a) Nos séculos anteriores ao século XVI, o que acontecia com a criança assim que ela conseguia sobreviver aos seus primeiros anos de vida?
- b) Explique, de acordo com o texto, o que é a particularidade infantil.
- c) O texto fala de dois sentimentos que surgiram em relação à infância. Você pode explicá-los com as suas palavras?
- d) Ao longo da História, o que possibilitou a identificação do brinquedo como um objeto infantil?

PARA VOCÊ REFLETIR...

- Olhando para a sociedade na qual você está inserido, você pode identificar diferentes infâncias? Ou seja, crianças que vivem sob diferentes condições sociais e econômicas? Do que será que elas brincam? Que brinquedos possuem?



Continuando nossa conversa

Ainda lá no século XVIII, antes de aparecerem as indústrias que passaram a fabricar objetos em série, tudo era feito de forma artesanal. A partir do século XIX, com a revolução industrial, o brinquedo deixa de ser o resultado de um processo doméstico de produção, em que adultos e crianças se envolviam com a criação de brinquedos artesanais, e passa a ser comercializado. Hoje, não só podemos encontrar milhares de brinquedos iguais, como também em muitos países do mundo meninas e meninos brincam de Barbie e têm video games do Digimon ou Bay Blade, que são bonecos.



Dessa forma, os brinquedos trazem sempre a imagem do seu tempo. Com certeza, há cem anos atrás não encontraríamos foguetes, robôs, video games ou Barbies em lojas de brinquedos para crianças. Olhando os brinquedos das crianças, podemos compreender muitas coisas da sociedade em que vivem e também as relações que as próprias crianças estabelecem com o seu meio.



Você pode pensar melhor sobre isso a partir do(s) brinquedo(s) que você resgatou na memória da sua infância, nas questões a), b) e c) da Atividade 1, no início deste volume. Pode ser um brinquedo artesanal ou industrializado, pode ser específico da região onde você mora ou uma boneca que faz parte do universo infantil de crianças de outros países também.

Luiz Fernando Veríssimo é um escritor gaúcho que assina colunas diárias na imprensa brasileira e tem obras adaptadas para cinema, teatro e televisão. Leia com atenção a crônica seguinte escrita por ele:

A Bola

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse "Legal!". Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

- *Como é que liga? – perguntou.*
- *Como, como é que liga? Não se liga.*

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

- *Não tem manual de instrução?*

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

- *Não precisa manual de instrução.*
- *O que é que ela faz?*
- *Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.*
- *O quê?*
- *Controla, chuta...*
- *Ah, então é uma bola.*
- *Claro que é uma bola.*
- *Uma bola, bola. Uma bola mesmo.*
- *Você pensou que fosse o quê?*
- *Nada não.*

O garoto agradeceu, disse "legal" de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado "Monster Ball", em que times de monstros disputavam a posse de uma bola em forma de bip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente. O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

- *Filho, olha.*

O garoto disse "legal", mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa idéia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

Tanto a bola quanto o video game são brinquedos que servem de suporte para uma determinada brincadeira. A partir do ponto de vista de quem constrói (seja ele um objeto artesanal ou industrial), a bola ou o video game vão sempre conservar o seu caráter de brinquedo. Do ponto de vista de quem brinca, o brinquedo pode ser qualquer objeto utilizado como suporte para a brincadeira. Às vezes, as crianças se envolvem por um longo tempo com um cabo de vassoura ao qual conferiram um significado de espada ou cavalo de pau. Não podemos esperar que a criança veja um determinado brinquedo com o nosso ponto de vista adulto. Por isso, no trabalho que realizamos com a criança é fundamental observarmos do que ela brinca e com o que ela brinca e disponibilizar diferentes objetos – sejam eles considerados brinquedos ou não – que possam servir de suporte para as suas brincadeiras.

Assim, podemos entender que cada brinquedo pode ter diferentes significados a partir das condições históricas e sociais que se estabelecem em cada contexto.

ATIVIDADE 3

Bem, chegamos ao final desta primeira seção. O que você destacaria, de tudo o que estudamos até agora, como o que mais chamou a sua atenção?

Sugerimos levar e discutir com o seu grupo, no encontro quinzenal, os pontos destacados por você.

Seção 2 – A cultura lúdica

**OBJETIVO DESTA SEÇÃO:
– DISCUTIR O SIGNIFICADO
DA CULTURA LÚDICA
CONSTRUÍDA NAS BRINCADEIRAS
INFANTIS.**

Nesta segunda seção, vamos discutir sobre a cultura lúdica. Um pesquisador francês, chamado Gilles Brougère, tem estudado a criança a partir da sua dimensão cultural e entende a brincadeira como o lugar em que a criança traduz e recria as imagens daquilo que ela vive a partir das suas interações com o mundo. E, assim, ele afirma que:

"A CULTURA LÚDICA É, ANTES DE TUDO, UM CONJUNTO DE PROCEDIMENTOS QUE PERMITEM TORNAR A BRINCADEIRA POSSÍVEL".



Observemos como Cândido Portinari pintou as brincadeiras infantis:



Cândido Portinari, "Futebol" – 1935
Pintura a óleo/tela – 97 x 130cm



Cândido Portinari, "Meninos Pulando Carniça" – 1957
Pintura a óleo/madeira – 53.5 x 64.5cm



Cândido Portinari, "Meninos no Balanço" – 1960
Pintura a óleo/tela – 61 x 49cm

O pintor **Cândido Portinari** (1903-1962) é um dos principais representantes do modernismo brasileiro. Se você quiser conhecer mais sobre o pintor e sua obra, acesse o site do Projeto Portinari na internet – www.portinari.org.br



ATIVIDADE 4

- a) *Você já trouxe para este estudo a lembrança do seu brinquedo preferido. E agora, que tal trazer à memória a sua brincadeira ou brincadeiras prediletas da sua infância?*
- b) *E as crianças com as quais você trabalha, do que elas mais gostam de brincar?*
- c) *O que você percebe que mais influencia essas brincadeiras?*
- d) *Caso você conheça outros quadros que retratem as brincadeiras infantis, seria interessante mostrá-los às crianças e conversar sobre esses pintores.*

Pode ser que as crianças de hoje brinquem de coisas semelhantes às aquelas que permearam a sua infância (ou não). No entanto, cada criança vai ser influenciada pelo contexto no qual ela está inserida. O importante é entender que a brincadeira vai se organizando a partir dos objetos disponíveis que a criança tem para escolher como brinquedos e também das experiências que ela estabelece com o seu meio. Assim, a criança brinca com o que ela tem à mão (que ela transforma em brinquedo) e com o que tem na cabeça (a sua imaginação).

Voltemos ao pesquisador Gilles Brougère. Leia, com atenção, o que ele escreve sobre a cultura lúdica:

"A CRIANÇA BRINCA COM O QUE ELA TEM À MÃO E COM O QUE ELA TEM NA CABEÇA".

"A brincadeira humana supõe um contexto social e cultural. É preciso efetivamente romper com o mito da brincadeira natural (para Gilles Brougère, a criança não nasce sabendo brincar, ela aprende a entrar no universo da brincadeira a partir das relações que estabelece com o seu meio). A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais (relação de uma pessoa com a outra), portanto, de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social: aprende-se a brincar. A brincadeira não é inata (no sentido de que a criança já nasce com esse potencial de brincar). A criança pequena é iniciada na brincadeira por pessoas que cuidam dela."

BROUGÈRE, G. 2001. p. 97, 98.



ATIVIDADE 5

A partir do texto lido, procure destacar duas questões que você considera fundamentais para o seu trabalho com a criança, justificando a sua escolha. O que for levantado por você poderá ser tema de discussão no grupo quinzenal.

Estamos aprendendo que a criança, ao brincar, estabelece regras e comportamentos que são compartilhados. A isso chamamos cultura lúdica. Então, é preciso esclarecer mais especificamente o significado das palavras neste conceito fundamental: cultura lúdica.



ATIVIDADE 6

Entendemos por cultura os significados que os seres humanos dão às suas produções. Aquilo que o ser humano produz vai formando uma teia de significados, isto é, a sua cultura. Por outro lado, a produção lúdica é a capacidade que a criança tem de reordenar os elementos retirados da realidade, organizando novas combinações e produzindo novos significados, ou seja, a própria brincadeira.

O relato abaixo traz a observação de algumas crianças de 4 e 5 anos. Em seguida, há algumas perguntas para você responder:

"[Numa escola de Educação Infantil algumas crianças estão à espera do sinal da entrada.] Cris está correndo na parte de cimento que fica junto à entrada. Vai e volta. Bel observa a amiga e diz para uma outra menina que a amiga está correndo. Cris, então, pára e diz que está brincando e explica: "tem que ir até o portão verde e voltar". Ela criou a brincadeira e explica as suas regras. Faz isso mais três vezes. Outras quatro crianças estão sentadas, observando. Um menino decide ir brincar de correr também. Cris explica que tem que ir até o final da quadra e voltar. Logo são três crianças indo e vindo (...). Uma menina maior segura a mão da irmã menor. Cris, que começou a brincadeira, logo impõe: "não, não pode segurar a mão, assim não vale". As meninas obedecem e logo soltam as mãos." (BARBOSA, 2004)

- a) Ao observar a ação de Cris na hora da entrada, qual é a conclusão de Bel?
- b) No entanto, Cris dá uma outra explicação. Qual é?
- c) Quais eram as regras estabelecidas por Cris na sua brincadeira?
- d) Com as suas palavras, como você explica esse relato a partir do conceito de cultura lúdica trazido por Gilles Brougère?



"Cenas infantis". Sandra Guinle

Se, por um lado, é importante a presença do adulto para colocar a criança em contato com a cultura, por outro lado, é fundamental que também possamos perceber a criança como um ser que produz cultura. E é principalmente através da brincadeira, na interação com o outro, que a criança se apropria e recria o mundo a sua volta.

ATIVIDADE 7

Vamos terminar esta seção com uma poesia de Carlos Drummond de Andrade. Como vimos no Módulo I, Carlos Drummond é um poeta mineiro, nascido em Itabira, em 1902. Ele morreu em 1987, deixando como herança para nós, brasileiros, vários livros de crônicas e poesias.

A rua diferente

*Na minha rua estão cortando árvores
botando trilhos
construindo casas.
Minha rua acordou mudada.
Os vizinhos não se conformam.
Eles não sabem que a vida
tem dessas exigências brutas.
Só minha filha goza o espetáculo
e se diverte com os andaimes,
a luz da **solda autógena**
e o cimento escorrendo nas fôrmas.*



“La Petite châtelaine”. Camille Claudel

ANDRADE, Carlos Drummond de. 2002. p. 35.

Enquanto os vizinhos não se conformavam com as obras na rua, qual era a reação da filha do poeta?

As crianças podem dar outros significados àquilo que os adultos só vêem com seus olhos, limitados pelos sentidos que eles já elaboraram para os diferentes acontecimentos do seu cotidiano. As crianças, no entanto, estão sempre criando novos significados. As crianças são produtoras de cultura!

PARA VOCÊ REFLETIR...

Prezado(a) professor(a),

Estamos vendo que, tanto o brinquedo quanto a brincadeira são muito importantes na vida da criança.

Agora, para você refletir: que lugar a brincadeira tem ocupado no trabalho que você realiza com as crianças? Você observa as crianças brincando? O que elas elegem como brinquedo em suas brincadeiras? Do que elas brincam? Como você pode ampliar esse universo da brincadeira, contribuindo para que a criança seja produtora de cultura?

Valéria Mourthé de Oliveira



Seção 3 – Ontem e hoje: a criança e suas formas de brincar

OBJETIVO DESTA SEÇÃO:

- CONHECER AS DIFERENTES FORMAS DE BRINCAR DA CRIANÇA, AS DIFERENTES IMAGENS DE CRIANÇA E AS DIVERSAS INFÂNCIAS QUE PODEM SER RECONHECIDAS EM NOSSA SOCIEDADE.

Como vimos na primeira seção, as crianças sob determinada condição social e econômica estarão vivendo diferentes infâncias. Se, por um lado, as condições sob as quais as crianças vivem produzem diferentes infâncias, por outro, há uma coisa que as torna semelhantes: sua capacidade de criar, de imaginar, de trazer o mundo real para o mundo da imaginação e da fantasia.

Na seção anterior, aprendemos que a criança constrói uma cultura lúdica a partir dos significados que ela confere às suas ações, nas relações que ela estabelece com o seu meio. Na produção de uma cultura lúdica, as crianças vão se socializando e compartilhando suas brincadeiras.

Levando em consideração as diferentes condições e os tempos dos acontecimentos ao longo da história, podemos pensar na infância de ontem e na infância de hoje. O que mudou? O que permanece semelhante?

Num passado não muito distante...

Em 1944, um pesquisador brasileiro chamado Florestan Fernandes fez um estudo sobre brincadeiras infantis na cidade de São Paulo. Seu principal interesse foi estudar grupos de crianças acima de 6 anos que brincavam nas ruas. Ele descobriu que as crianças iam brincar nas ruas e se organizavam em grupos que eram chamados “trocinhas”. Inicialmente, as crianças de uma vizinhança se reuniam para brincar de roda, pique etc. Depois, aos poucos, iam formando laços de amizade e as brincadeiras de rua se transferiam para os quintais onde as meninas brincavam de “comidinha”, “casinha”, “papai e mamãe”. Os meninos, por sua vez, que começavam jogando informalmente, à medida que o grupo fortalecia seus laços de amizade, formavam times que podiam até receber nomes específicos como *Infantil Estrela* etc. O que o estudo desse pesquisador enfatizou foi a importância dos brinquedos de roda e dos jogos para a formação das “trocinhas”. Toda uma cultura se forma a partir dessas relações estabelecidas, tendo como suporte as brincadeiras das crianças na rua: quem pode brincar, as regras das brincadeiras, a linguagem utilizada, estabelecendo termos específicos desse contexto (“trocinhas”, “ficando de mal”, “ficando de bem”, “brincar de casinha” etc.). A essas construções das crianças, Florestan Fernandes chama *cultura infantil* (o que se aproxima muito da idéia de *cultura lúdica* trazida por Gilles Brougère). Ao perguntar às crianças onde aprendiam determinada brincadeira, Florestan normalmente ouvia: *aprendi na rua*. Dessa forma, a rua era o espaço privilegiado de troca e aprendizagem entre as crianças.

As brincadeiras que apareciam nas ruas traziam sempre, na sua origem, traços da cultura dos adultos, como *romances velhos* que eram transformados em jogos



dramatizados como “A Canoa Virou”, “Ciranda a Roda” etc. Essas composições são bem antigas e aparecem em romances velhos, por volta do século XVI. Ao longo de todos esses anos as crianças vão reelaborando essas brincadeiras e enriquecendo a cultura infantil. Isso não é incrível? Então podemos concluir que a *cultura infantil*, se pensarmos junto com Florestan Fernandes, ou a *cultura lúdica*, como aprendemos com o Gilles Brougère, é constituída por elementos da cultura do adulto que são ressignificados pelas crianças e por dados elaborados pelas próprias crianças.

Bem, vamos refletir sobre o que acabamos de ler?

ATIVIDADE 8

*“Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar.
Vamos dar a volta e meia, meia volta vamos dar”...*

“Pique-ajuda”...

“Bento que bento é o frade”...

“Batatinha frita um, dois, três”...



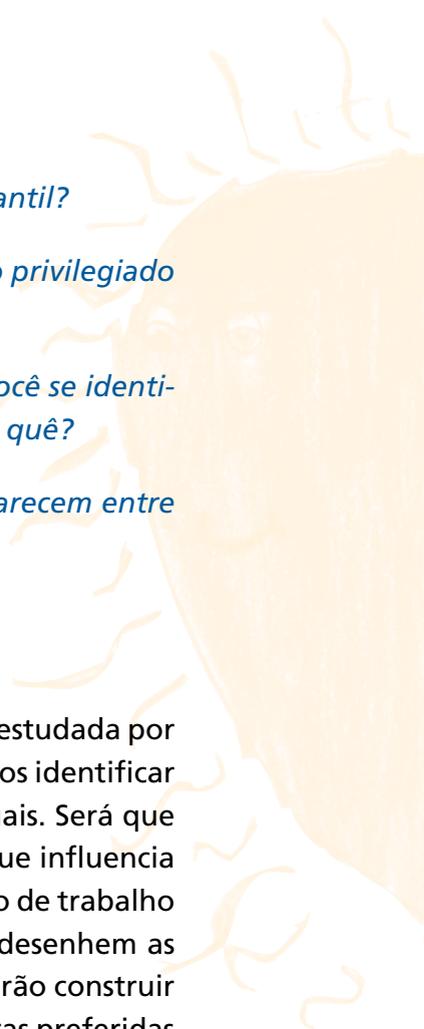
“Cenas infantis”. Sandra Guinle

Você pode lembrar de outros jogos e brincadeiras de roda?

Seria interessante se você brincasse com as crianças da sua turma as brincadeiras que acabou de lembrar.

São brincadeiras de roda e jogos infantis semelhantes a esses que Florestan Fernandes encontrou ao observar as crianças na cidade de São Paulo. Essas brincadeiras valorizam a socialização e a produção coletiva. Fora do grupo não há piques ou brincadeiras de roda.

Vamos ver, então, o que podemos aprender com as idéias desse texto que acabamos de ler. Você pode anotar as respostas no seu caderno.

- 
- a) O que Florestan Fernandes está entendendo como cultura infantil?
- b) No estudo que Florestan Fernandes realizou, qual foi o espaço privilegiado para a produção da cultura infantil? Por quê?
- c) Ao descrever as brincadeiras da sua infância na Atividade 5, você se identificou com essa realidade trazida por Florestan Fernandes? Por quê?
- d) E, no cotidiano da sua escola, algumas dessas brincadeiras aparecem entre as crianças? Quais?

E hoje? Onde brincam e quais são as brincadeiras das crianças?

Será que podemos reconhecer na criança de hoje aquela infância estudada por Florestan Fernandes? É preciso pesquisar. Mas certamente podemos identificar uma outra infância sendo vivida por muitas crianças nos dias atuais. Será que as crianças ainda brincam na rua e formam grupos? O que será que influencia as brincadeiras das crianças hoje? Procure pesquisar em seu espaço de trabalho as brincadeiras das crianças. Você também pode pedir que elas desenhem as brincadeiras das quais mais gostam, digam as regras e vocês poderão construir coletivamente um pequeno livro sobre os brinquedos e brincadeiras preferidas pelo grupo.

Há um estudo realizado pela professora Raquel Salgado, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sobre do que as crianças estão brincando atualmente. Ela escreveu um artigo falando sobre a influência dos desenhos animados na construção dos significados e das brincadeiras das crianças. Ela começa esse artigo trazendo a letra da música do desenho animado chamado *Pokémon*. Vejamos:



*Meu compromisso é sempre vencer. Liberdade! Nova era vai chegar.
Pra ser um mestre, Pokémon-Mestre, eu vou escrever a nova história.
Vou ser um Mestre-Pokémon!
Ser alguém com um poder maior que você já tem.
E com a alegria de viver, ninguém vai me deter.
O sonho é poder! Temos que pegar!
O seu destino é você quem faz, se simplesmente, realmente você tentar.
Você hoje é o melhor e seu prêmio foi o maior.
É só seguir o caminho do sol.*

SALGADO, Raquel, 2003. p.75.

No desenho animado Pokémon, os principais personagens são um menino chamado *Ash* e seu amigo monstrinho *Pikachu*. O professor *Oak* deu para *Ash* o monstrinho *Pikachu*. *Ash* e *Pikachu* fazem parte de um universo de fantasia, um mundo particular. Nele, os monstrinhos vivem soltos como animais selvagens e são classificados em quinze gêneros. Há, por exemplo, os do tipo dragão e venenoso. As pessoas desse mundo estão envolvidas com um único objetivo: capturar mais e mais bichos. Para começar a caçada, é preciso possuir pelo menos um, já que só um Pokémon pode lutar com outro. Quem pega um deles guarda-o numa bola especial, a pokébola. Cada monstrinho deve ser treinado pelo seu dono (ou seja, qualquer criança que possua um Pokémon). Esse desenho animado é de origem japonesa e foi criado por Satoshi Tajiri e, desde 1996, tem despertado a atenção de milhares de crianças ao redor do mundo (Revista Nova Escola, março de 2000).



Muitas crianças hoje estão em contato diário com esses desenhos e trazem para o universo das suas brincadeiras essas informações. Os desenhos animados que seguem a mesma linha do Pokémon, como “Digimon”, “Dragon Ball Z”, entre outros, trazem a idéia de uma criança auto-suficiente e que não precisa de ninguém para aprender. Ela pode tudo sozinha (como percebemos a partir da letra da música). As brincadeiras coletivas, na rua, são substituídas pela televisão. A possibilidade de aprender coletivamente acaba sendo substituída por brincadeiras individuais como a do menino na crônica apresentada anteriormente, que não sabia o que fazer com a bola, ou pelo menos nem se interessou, enquanto brincava solitário com o seu video game.

Provavelmente não podemos impedir que as crianças estejam diante da televisão ou diante de um video game, mas podemos criar, na Educação Infantil, espaços

de coletividade e resgate dessa *cultura infantil*. Podemos observar as crianças e valorizar a sua *cultura lúdica*.

A criança apresentada nesses desenhos de hoje, que já aprendeu tudo, ou quase tudo, descartando a presença de alguém que ensine, traz consigo a idéia de um ser humano individualista, uma criança onipotente e independente em relação aos adultos.

Para você refletir e discutir com outros(as) professores(as) em seu encontro quinzenal:

O que você tem valorizado na sua prática enquanto professor(a) da Educação Infantil? Que espaço as crianças têm encontrado para criar cultura? Há um espaço privilegiado para a brincadeira como elemento fundamental nesse processo?

Seção 4 – O brincar e a construção de significados

OBJETIVO DESTA SEÇÃO:

- DISCUTIR O BRINCAR COMO FORMA PRIVILEGIADA DAS CRIANÇAS PEQUENAS CONHECEREM, COMPREENDEREM E SE EXPRESSAREM NO MUNDO.

Chegamos à quarta e última seção desta área temática. Você pode concordar conosco que brincar é uma forma privilegiada de as crianças pequenas conhecerem, compreenderem e se expressarem no mundo. Mas, na verdade, como isso acontece?

Já aprendemos que não existe uma única infância, isto porque cada época da nossa vida deve ser compreendida a partir das condições histórico-sociais que a produziram. No entanto, muitas vezes continuamos com a mesma idéia identificada por Ariès ao estudar a história social da criança e da família na sociedade européia a partir do século XIII. Ora vemos a criança como ingênua e pura, alguém que precisa ser protegido, ora lidamos com a criança como alguém incompleto, como um ser que precisa ser preenchido de coisas boas para não se tornar algo ruim. Mas estamos aprendendo que a criança, ao mesmo tempo em que é fundamental estar inserida em uma cultura para aprender, é um ser humano de pouca idade, com capacidade de produzir cultura, de construir significados.

ISTO É FUNDAMENTAL, PORQUE O CONCEITO QUE VOCÊ TIVER DE INFÂNCIA E DE CRIANÇA IRÁ SUSTENTAR A SUA PRÁTICA.

ATIVIDADE 9

O que você leva em consideração quando planeja uma atividade para as crianças? Seria interessante anotar essas idéias no seu caderno para discuti-las no encontro quinzenal. O que será que os(as) seus(suas) colegas de formação também levam em consideração?

Quando não compreendemos as crianças enquanto produtoras de cultura, corremos o risco de produzir e planejar coisas para elas – seus brinquedos, a organização dos espaços, as propostas – a partir do modo como os adultos interpretam o possível sentido que as crianças dão ao mundo.

Vejamos agora parte de uma outra crônica do escritor Luiz Fernando Veríssimo, na qual ele traz mais uma imagem da sua infância:

Vivendo e...

Eu sabia fazer pipa e hoje não sei mais. Duvido que se hoje pegasse uma bola de gude conseguisse equilibrá-la na dobra do dedo indicador sobre a unha do polegar, quanto mais jogá-la com a precisão que tinha quando era garoto. Outra coisa: acabo de procurar no dicionário, pela primeira vez, o significado da palavra “gude”. Quando era garoto nunca pensei nisso, eu sabia o que era gude. Gude era gude.



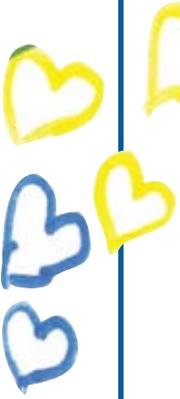
Bolinha de gude, “Cenas infantis”. Sandra Guinle

Juntando-se as duas mãos de um determinado jeito, com os polegares para dentro, e assoprando pelo buraquinho, tirava-se um silvo bonito que inclusive variava de tom conforme o posicionamento das mãos. Hoje não sei mais que jeito é esse. Eu sabia a fórmula de fazer cola caseira, algo envolvendo farinha e água e muita confusão na cozinha, de onde éramos expulsos sob ameaças. Hoje não sei mais. A gente começava a contar depois de ver um relâmpago e o número a que chegasse quando ouvia a trovoada, multiplicado por outro número, dava a distância exata do relâmpago. Não me lembro mais dos números.

Lembro o orgulho com que consegui, pela primeira vez, cuspir corretamente pelo espaço adequado entre os dentes de cima e a ponta da língua de modo que o cuspe ganhasse distância e pudesse ser mirado. Com prática, conseguia-se controlar a trajetória elíptica da cusparada com uma mínima margem de erro. Era puro instinto. Hoje o mesmo feito requereria complicados cálculos de balística, e eu provavelmente só acertaria a frente da minha camisa. Outra habilidade perdida.

Na verdade, deve-se revisar aquela antiga frase. É vivendo e desaprendendo. Não falo daquelas coisas que deixamos de fazer porque não temos mais as condições físicas e a coragem de antigamente, como subir em bonde andando – mesmo porque não há mais bondes andando. Falo da sabedoria desperdiçada, das artes que nos abandonaram. Algumas até úteis. Quem nunca desejou ainda ter o cuspe certo de garoto para acertar em algum alvo contemporâneo, bem no olho, depois sair correndo? Eu já.

VERÍSSIMO, L. F. 2001. p. 45, 46.



ATIVIDADE 10

Você se lembra de alguma coisa que sabia fazer na infância e que agora não sabe mais? O quê? Será que os seus colegas de formação também têm experiências semelhantes?

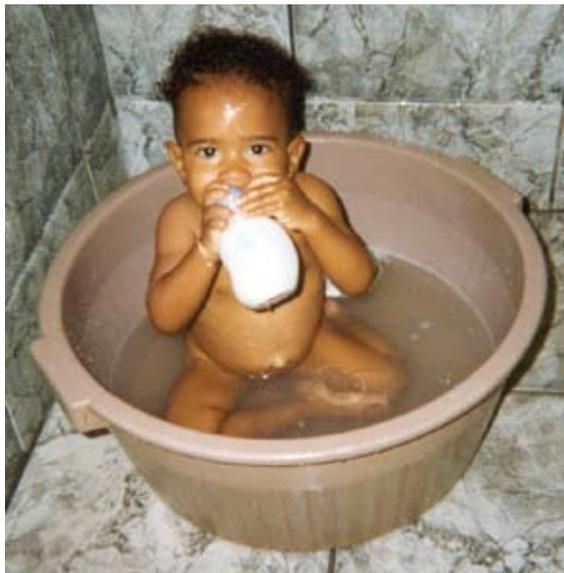
Recordando o seu próprio universo da brincadeira infantil, o escritor constata que muitas coisas que ele sabia fazer já não sabe mais. Isso significa que as crianças sabem muitas coisas das quais nós, adultos, já nos esquecemos ou talvez nem tenhamos tomado conhecimento.

Walter Benjamin, um filósofo alemão que viveu na primeira metade do século XX, escreveu sobre o conceito de infância e de criança. Para ele, a criança não é ingênua nem inocente, mas tem uma certa falta de habilidade para lidar com o mundo em

oposição à segurança dos adultos. Mas exatamente por não dominar as coisas ao seu redor (em oposição a um adulto que pensa que domina), por não ter todas as respostas, a criança reinventa o mundo. De uma folha de árvore faz um assobio, de um cuspe ou um relâmpago, faz um jogo... Para Walter Benjamin, a incompletude da criança é que torna possível a invenção. Ele escreveu: *"a criança é aquela que pode fazer saltar de um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha as mais diferentes figuras"*. Ou seja, a criança é aquela que de um cabo de vassoura faz espada, cavalo, muleta, tudo o que a sua imaginação mandar.

Você lembra de algum momento em que as crianças usaram a imaginação para dar outros significados a diferentes objetos ou situações? Certamente, o cotidiano da Educação Infantil está repleto de tempos e espaços em que a imaginação da criança inventa e reinventa o mundo.

Um outro pesquisador, que também tem nos ajudado a compreender a importância da brincadeira para o desenvolvimento da criança, é Lev Semynovitch Vygotsky. Como Walter Benjamin, Vygotsky também viveu na primeira metade do século passado. Já analisamos alguns conceitos de Vygotsky sobre "linguagem e pensamento", na Unidade 6 deste Módulo II. Psicólogo e cientista, Vygotsky pesquisou o desenvolvimento infantil e destacou a importância da brincadeira para esse desenvolvimento.



Para este autor, como vimos na Unidade 5 de FE deste módulo, a brincadeira atende sempre a uma necessidade da criança, motivando a sua ação sobre o mundo, embora deixe claro que nem toda necessidade gera uma brincadeira. Essa necessidade surge a partir de algo que não pode ser realizado a não ser no

mundo da imaginação, por serem necessidades que não podem ser atendidas de modo imediato. Assim, ao brincar, a criança cria uma situação imaginária, de modo a atender, pelo menos nesse universo imaginário, essa necessidade.

No entanto, ao imaginar esse universo onde podem encontrar as respostas para suas necessidades, a criança o faz a partir do próprio conhecimento que ela tem do mundo. Dessa forma, toda a imaginação que dá início à brincadeira vem atravessada pela própria cultura, gerando regras para a brincadeira.

ATIVIDADE 11

Leia com atenção a descrição de uma observação da brincadeira de cinco meninas em uma praça da cidade do Rio de Janeiro:

É um espaço cercado, aberto ao público, arrumado pelo McDonalds. Crianças que aparentemente não se conhecem, brincam juntas nos brinquedos. Penso assim porque os adultos que estão com elas, cada um em um canto diferente da praça, não se comunicam entre si. Num brinquedo que parece uma nave espacial, estão brincando cinco meninas de idades bem diferentes: 2 anos, 5 anos, 8 anos, 9 anos, 10 anos (idades aproximadas). A que parece mais velha é a mãe. As de 5 e 9 anos, são irmãs. A de 8 anos é empregada e a de 2 anos é filha. A menina que está no papel da empregada recebe ordens das duas irmãs: mandam que ela acabe de varrer e limpar tudo porque, quando elas voltarem, querem tudo limpinho. Quando as meninas saem, a menina que está vivendo o papel da empregada fala: “Eu não vou limpar porcaria nenhuma, eu vou é dormir”. E entra na casa. Quando as irmãs voltam do passeio a menina que é a empregada diz: “Olha só, eu estava dormindo, então vocês chegavam e brigavam comigo”. Ela volta a dormir e as duas meninas brigam com ela: “Acorda! Anda! Vai trabalhar! Limpe tudo agora”. A mãe, que está dentro da casa, concorda e a manda trabalhar. Chega mais uma menina, que diz: “Eu quero brincar”, e uma das irmãs pergunta para a menina mais velha que está no papel da mãe: “ela pode entrar?”. De repente, a brincadeira se desfaz e elas vão para o outro brinquedo, assim, não mais que de repente. (BARBOSA, 2003. p. 3).



Você identifica brincadeiras semelhantes entre as crianças com as quais você trabalha? Procure observar as crianças brincando e depois relatar uma dessas situações em seu caderno.

Na descrição anterior (como provavelmente também acontece com as crianças que você descreveu), durante o tempo todo a imaginação, a fantasia e a realidade se cruzam. As meninas interrompem a brincadeira para inserir um novo elemento, ou organizar a fala seguinte e logo continuam a brincadeira. Transitam com muita propriedade entre a fantasia e a realidade. Elas usam o brinquedo e elas dizem o enredo. Não há um tempo pré-determinado para a brincadeira. As crianças determinam quando começar e quando parar, ou quando simplesmente interromper para recomeçar daqui a pouco.

Bem, talvez você trabalhe com crianças que ainda estão aprendendo a brincar, pois, segundo Vygotsky, entrar nesse mundo do faz-de-conta depende da capacidade de simbolizar. Ou seja, tornar presentes objetos ou situações ausentes através da imaginação. A princípio os objetos têm uma força determinante sobre a criança: uma escada é para subir, objetos são para tirar e colocar, uma porta é para abrir e fechar, determinando, assim, o que ela pode ou não fazer. Se o objeto não está presente, se a criança não pode vê-lo, a ação também vai estar ausente: ela não pode imaginar-se subindo numa escada se não há escada para subir. A partir de um determinado momento do seu desenvolvimento, a criança passa a criar ações na imaginação, não dependendo mais do objeto. Assim, a criança adquire a capacidade de se comportar não só a partir daquilo que vê concretamente, mas também tendo como suporte para a sua ação os significados que ela atribui aos objetos.

A criança se encanta com o mundo e, por meio da imaginação, cria e recria a realidade, subvertendo a ordem das coisas. Precisamos aprender com as crianças. Aprender a alegria de ver, em cada pedaço do nosso cotidiano, oportunidades, não para fazer sempre o mesmo, mas para ver o novo, para *fazer sempre de novo*, aquilo que para nós, adultos, já está revestido de significados endurecidos e enraizados na falta de imaginação, fantasia, criação.

Aparentemente, esse brincar da criança, muitas vezes, parece não ter um valor pedagógico e, nesta compreensão, o tempo de brincar acaba sendo um momento em que o(a) professor(a) não se envolve com o grupo. Será que professor(a) pode brincar? Conseqüentemente, embora se considere a brincadeira algo importante para a criança, só brincar, ou um brincar que não seja dirigido pelo(a) professor(a), pode parecer menos importante, como um momento em que as crianças não precisam do(a) professor(a) ou que não se está trabalhando nada.

Segundo Vygotsky, a ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações que envolvem os desejos – tudo aparece no brincar. Vygotsky entende que a brincadeira cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança, pois ela tem a oportunidade de ser aquilo que ainda não é, pode agir como se fosse maior do que é na realidade e pode saber e usar coisas que lhe são proibidas.

Como você já estudou nas Unidades 2 e 4 do Módulo II, a Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância existente entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. Ou seja, o espaço entre aquilo que a criança sabe fazer por si mesma e o que ela pode fazer com a ajuda de alguém.



No faz-de-conta, a criança ultrapassa os limites reais do seu desenvolvimento, agindo na zona de desenvolvimento proximal. Dessa forma, diferentes situações dão à criança essa oportunidade, de ser mais do que ela realmente é, tornando-se motivações para as brincadeiras.



Agora, vamos terminar lembrando e refletindo sobre o que aprendemos nesta última seção.

ATIVIDADE 12

Pensando em situações que ocorrem no seu cotidiano, na sua prática, escolha um dos temas abaixo e escreva um texto:



a) Enquanto para muitas pessoas a incompletude da criança é para ser preenchida pelo adulto, Walter Benjamin vê aí a possibilidade da invenção e da imaginação de um mundo onde a criança subverte a ordem das coisas: de uma tampa de panela ela faz um volante de carro.

b) Segundo Lev Vygotsky, a possibilidade da brincadeira surge a partir da capacidade que a criança adquire em criar situações imaginárias. Ela usa os seus conhecimentos da realidade para recriar um mundo em que ela pode saber e usar coisas que lhe são proibidas. Na brincadeira, a criança ultrapassa os limites reais do seu desenvolvimento.



PARA RELEMBRAR

- O brinquedo sempre nos leva a um tempo determinado e a uma história.
- A particularidade infantil precisa ser entendida a partir da sociedade na qual a criança está inserida e das relações que adultos e crianças estabelecem entre si.
- No século XVIII, antes de aparecerem as indústrias que passaram a fabricar objetos em série, tudo era feito de forma artesanal. A partir do século XIX, com a Revolução Industrial, o brinquedo deixa de ser o resultado de um processo doméstico de produção e passa a ser comercializado.
- A cultura lúdica é um conjunto de procedimentos que permite tornar a brincadeira possível. A criança constrói uma cultura lúdica a partir dos significados que ela confere às suas ações, nas relações que ela estabelece com o seu meio.
- A *cultura infantil*, se adotarmos a expressão de Florestan Fernandes, ou a *cultura lúdica*, seguindo Gilles Brougère, é constituída por elementos da cultura do adulto que são ressignificados pelas crianças.
- Para Walter Benjamin, a incompletude da criança é que torna possível a invenção.
- Segundo Vygotsky a ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações que envolvem os desejos – tudo aparece no brinquedo.



ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

Aprendemos nesta unidade o valor do brinquedo e da brincadeira para a aprendizagem e para o desenvolvimento da criança. É importante, então, que estejamos sempre pensando em ampliar esse universo da brincadeira.

O seu trabalho como professor(a) na Educação Infantil pode ser mediador do resgate de espaços coletivos, de brincadeiras e jogos que favoreçam o compartilhar de experiências.

Quando trazemos coisas prontas, quando definimos e pensamos pela criança todas as respostas possíveis, estamos limitando as possibilidades para que a sua imaginação faça parte da nossa proposta pedagógica. Para isso, precisamos proporcionar momentos, no cotidiano da Educação Infantil, para que as crianças brinquem, não porque estão no tempo livre, mas porque planejamos e entendemos o lugar fundamental que a brincadeira ocupa no desenvolvimento infantil.

Que novas brincadeiras podem surgir? Como ampliar esse universo da brincadeira e do brinquedo na Educação Infantil?

- Observar atentamente do que as crianças brincam: Trazer novos objetos que possam servir de suporte (brinquedo) para novas idéias e fantasias. Por exemplo, se as crianças brincam de fazer bolo no pátio, ofereça recipientes de diferentes formas e tamanhos ou traga objetos que possam servir para enfeitar suas produções. Não se esqueça que a brincadeira é da criança. Ela é quem dirige e dá os rumos para a sua imaginação.
- Fazer, junto com as crianças e suas famílias, uma pesquisa de brincadeiras e jogos que fazem parte das suas histórias de ontem e de hoje. Depois, vocês podem aprender a brincar. Lembre-se: podemos aprender com os mais velhos, mas também podemos aprender com as crianças.
- Organizar e valorizar um espaço na sua sala, ou na escola, para a dramatização, onde a brincadeira do faz-de-conta (ou o jogo simbólico) ganha uma dimensão significativa.

GLOSSÁRIO

Sociedade feudal: organização econômica, social e política da Europa na Idade Média, em que pequenos proprietários se submetiam a um poderoso senhor; homens pobres, mas livres, juravam fidelidade ao grande senhor em troca de proteção.

Sociedade capitalista urbano-industrial: organização econômica, social, e política que sucedeu o feudalismo. O trabalho artesanal e a vida no campo cedem lugar à vida na cidade e às indústrias (fábricas com máquinas para o processo de produção seriada).

Solda autógena: diz-se da união de dois metais pelo derretimento parcial dos mesmos. (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)

SUGESTÕES PARA LEITURA

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. Coleção: Questões da nossa época, nº43. São Paulo: Cortez, 2001.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 13.

RICE, Chris & Melanie. *As Crianças na História: Modos de vida em diferentes épocas e lugares*. São Paulo: Ática, 1999.

SANTA ROSA, Nereide Schiaro. *Brinquedos e Brincadeiras*. São Paulo: Moderna, 2001.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ARIÈS, Philippe. *História social da Criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Silvia Néli F. *Corre vai, vai mais uma vez!* Um estudo exploratório sobre o espaço e o tempo da brincadeira de crianças em um shopping. 26ª Reunião Anual da ANPEd, Minas Gerais, outubro de 2003.

BARBOSA, Silvia Néli F. *Nas tramas do cotidiano: adultos e crianças construindo a educação infantil*. Dissertação Mestrado em Educação. Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. Coleção: Questões da nossa época, nº 43. São Paulo: Cortez, 2001.

FERNANDES, Florestan. *As "trocinhas" do Bom Retiro*. In: FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 13.

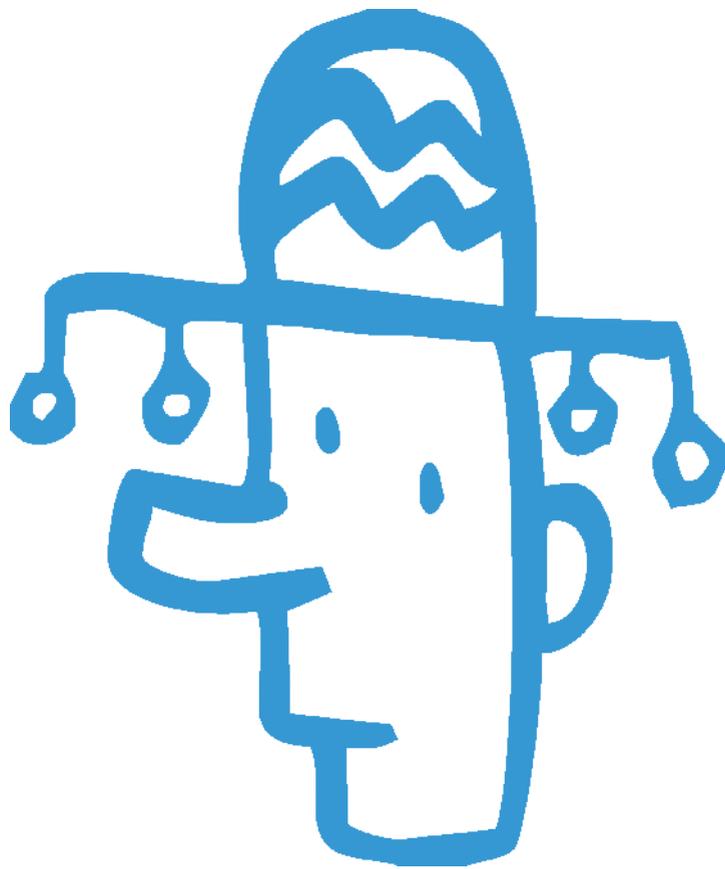
Revista Nova Escola. Ano XV, nº 130. São Paulo: Abril Cultural, março de 2000.

SALGADO, Raquel Gonçalves. *Eu tenho a força! os super-heróis mirins nos desenhos animados e na vida*. In: SOUZA, Solange Jobim. *Educação@Pós-Modernidade: Crônicas do Cotidiano e ficções científicas*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.

VERÍSSIMO, L. F. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VYGOTSKY, L. S. *Imaginación y el arte en la infancia*. México: Hispanica, 1987.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.





ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO O FAZ-DE-CONTA INFANTIL E AS MÚLTIPLAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO PELA CRIANÇA

Atenção detetive

*Se você for detetive,
descubra por mim
que ladrão roubou o cofre
do banco do jardim
e que padre disse amém
para o amendoim.*

*Se você for detetive,
faça um bom trabalho:
me encontre o dentista
que arrancou o dente do alho
e a vassoura sabida
que deixou a louca varrida.*

*Se você for detetive,
um último lembrete:
onde foi que esconderam
as mangas do colete
e quem matou os piolhos
da cabeça do alfinete?*

José Paulo Paes¹



¹ José Paulo Paes é autor de poesias para crianças, publicadas em vários livros. A que você leu no início desse texto encontra-se no livro . São Paulo: Editora Ática, 1990.

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Prezado(a) professor(a),

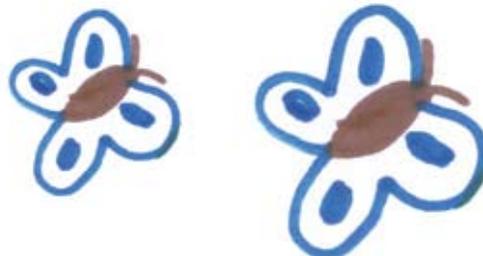
Você já parou para pensar que grande parte das atividades que as crianças realizam pode ser proposta através de jogos e brincadeiras? Já percebeu o quanto o brincar é importante na vida da criança?

Assim como o alimento e o afeto, o brincar e as brincadeiras devem fazer parte da vida da criança, desde muito cedo. Não é à toa que se observa a alegria de um bebê quando se mostra a ele um objeto e esconde-o para, em seguida, tornar a mostrá-lo. Essa mesma alegria é percebida quando, ao invés de um objeto, uma pessoa, brincando com o bebê, desaparece e aparece novamente. São essas experiências e brincadeiras que vão estimulando e desenvolvendo os sentidos de um recém-nascido, levando-o à percepção de sons, do movimento dos objetos, de canções de ninar, das conversas, dos abraços etc.

Como as instituições de Educação Infantil podem incentivar a brincadeira entre as crianças, mesmo entre os bebês? Que tipos de brincadeiras podem ser promovidas com crianças bem pequenas? Como os(as) professores(as) podem contribuir para o desenvolvimento dessas crianças?

Aprender significa **fazer**. Quanto mais a criança consegue expressar seus sentimentos, desejos e emoções através das artes plásticas, da música e das brincadeiras, por exemplo, mais condições ela terá de viver situações de aprendizagem. Nessas situações, a criança vai descobrindo, conhecendo seu próprio corpo e como pode utilizá-lo para se expressar, para se comunicar com o mundo. Essas descobertas que a criança vai fazendo trazem muitos desafios e dúvidas ao(a) professor(a). Qual a melhor maneira de responder às perguntas que as crianças fazem? Como lidar com as brincadeiras nas quais as crianças estão descobrindo seu próprio corpo e o corpo dos colegas? Qual deve ser a atitude do(a) professor(a) com relação às brincadeiras consideradas próprias para meninos e para meninas?

Nesta unidade, sugerimos a você algumas formas de lidar com essas e outras situações do dia-a-dia das instituições de Educação Infantil, refletindo sobre elas a partir de temas já abordados em outras unidades do Módulo II. Esperamos que você possa aproveitar bastante este estudo!





DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Estudamos em unidades anteriores o papel do **lúdico** e a importância do brincar para as crianças de todas as idades, inclusive o bebê. Nesta unidade, pretendemos sugerir meios para garantir que as brincadeiras sejam parte significativa nesse período da vida dos pequenos.

Ao final desta área temática, o que se espera é que sejam alcançados os seguintes objetivos específicos:

- 1. Compreender a importância de favorecer múltiplas interações das crianças com seus pares, com os adultos e com o ambiente, criando oportunidades para que as crianças compartilhem a construção de brincadeiras variadas.*
- 2. Analisar situações cotidianas envolvendo crianças pequenas, compreendendo o desenvolvimento como processo que envolve diferentes áreas do comportamento humano.*
- 3. Refletir sobre o corpo e o desenvolvimento da sexualidade da criança pequena do ponto de vista da cultura.*
- 4. Desenvolver meios para observar e promover o brincar das crianças nas instituições de Educação Infantil.*

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Esta área temática apresenta quatro seções: a primeira sugere formas variadas de interações das crianças entre si, com adultos e com o ambiente e propõe a construção de brincadeiras com as crianças; na segunda seção você é convidado a refletir sobre a criança em movimento e a importância do corpo na construção do conhecimento; na terceira seção vamos relacionar esse conhecimento do corpo com a questão da sexualidade e como esta se modifica ao longo da primeira infância; e, finalizando, a quarta seção requer do(a) professor(a) especial atenção no sentido de incentivar a criança. Tal incentivo se dá à medida que o(a) professor(a) compreende a ação da criança e o que a motiva, daí a importância de que ele(a) saiba observar e registrar as atividades desenvolvidas nas instituições de Educação Infantil. Você já estudou esses temas nas primeiras unidades deste módulo. Aqui vamos apenas lembrar e enfatizar o que há de mais importante para o(a) professor(a) observar para promover o desenvolvimento das crianças através de suas brincadeiras.-

Seção 1 – Contextos lúdicos

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DE FAVORECER MÚLTIPLAS INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS COM SEUS PARES, COM OS ADULTOS E COM O AMBIENTE, CRIANDO OPORTUNIDADES PARA QUE ELAS COMPARTILHEM A CONSTRUÇÃO DE BRINCADEIRAS VARIADAS.

Podemos começar a desenvolver este objetivo observando o quadro a seguir, pintado por Hans Thoma.



Hans Thoma, "Crianças brincando de roda" - 1872

No quadro que você observou, as crianças parecem estar muito felizes e à vontade em sua brincadeira. Parece haver companheirismo e familiaridade entre elas. Entretanto, esses laços de amizade e companheirismo são construídos, daí a importância de que as crianças encontrem, no ambiente da creche, da pré-escola, ou da escola, condições favoráveis para estabelecer laços de amizade umas com as outras. A chegada das crianças na instituição de Educação Infantil é um momento bastante importante para elas e também para o(a) professor(a), pois em muitos casos este é o momento em que elas vão se conhecer, estabelecendo os primeiros contatos mais sistemáticos com pessoas fora de seu ambiente familiar.

ATIVIDADE 1

Como levar um grupo novo de crianças a estabelecer um bom relacionamento entre elas e você? Para facilitar esse entrosamento, permitindo o estabelecimento de uma convivência de respeito, de cooperação e de solidariedade, como você as recebe num primeiro momento? Você pode escrever um pouco sobre isso no seu caderno para comentar com seus(suas) colegas do PROINFANTIL no próximo encontro quinzenal.

As sugestões que oferecemos a seguir podem ajudar você, professor(a), e as crianças a viverem o momento da chegada delas na instituição de forma prazerosa.

Pode-se preparar um local com jogos de encaixe, de montar, massa de modelar, lápis de cor e também livros de histórias para as crianças folhearem livremente. Esse material pode ser colocado em mesas ou disposto em cantos sobre tapetes e, à medida que as crianças forem chegando, o(a) professor(a) vai sugerindo uma dessas atividades para que elas participem. Isso pode deixá-las mais à vontade e facilitar a comunicação entre elas. Os materiais de sucata, devidamente limpos para serem utilizados, também despertam muito o interesse das crianças.

Valéria Mourthé de Oliveira



O tema da adaptação será tratado em outro módulo de forma mais detalhada. Por ora, vamos oferecer algumas sugestões de atividades que podem favorecer o processo de adaptação das crianças à instituição de Educação Infantil, já que estamos tratando de como se iniciam os relacionamentos.

Ao iniciar um trabalho com um grupo, primeiramente é bom conhecer cada criança pelo nome. Este procedimento ajuda a criança a perceber que faz parte de um grupo que ela vai precisar conhecer, já que é parte dele. É fundamental saber o nome de todos e, se houver apelido, perguntar como a criança prefere ser chamada. Para facilitar esse entrosamento, sugerimos as atividades a seguir. Você e o grupo podem criar outras.

Exemplo 1

Depois que as crianças tiverem chegado e tido oportunidade de se envolverem por algum tempo com os materiais dispostos no local, propor que todos se sentem formando um círculo. Em seguida, pedir que cada criança fale seu nome (o(a) professor(a) pode repetir o nome de cada um). O último a se apresentar deve ser o(a) professor(a), falando seu nome.

Pode-se, ainda, mostrar outra forma de dizer o nome usando som: bater palmas para cada sílaba que forma um nome. Por exemplo, Marina ficaria assim: Ma – ri – na (bater uma palma para cada sílaba).

É interessante perguntar às crianças se elas têm outras idéias para a brincadeira.



Exemplo 2

Pedir que cada criança repita o próprio nome e, em seguida, pedir que diga uma palavra cujo som final seja semelhante ao do seu nome.

Ex.: João – feijão

Maria – tia

A proposta pode ficar mais complexa ao se pedir à criança que forme uma frase com essas palavras.

Ex.: João gosta de feijão.

Maria visitou a sua tia.

“O Livro dos Jogos e das Brincadeiras para todas as idades”, escrito por H. Brandão e M. Froesler é um livro fundamental para professores(as), educadores(as), terapeutas, enfim, profissionais que acreditam no valor e significado que os jogos e brincadeiras desempenham na vida da criança. O livro reúne um acervo significativo com tudo que se relaciona a jogos, brincadeiras, brinquedos cantados etc. Muito bom mesmo.

Repare, professor(a), que, da mesma forma que a brincadeira facilita a integração de grupos, ela também pode favorecer o desenvolvimento de outras habilidades da criança, que tornam possível um relacionamento mais estreito entre pares ou mesmo em pequenos grupos. Aos poucos, a criança vai interagindo, não só com seus colegas, mas também com crianças de outros grupos e adultos que fazem parte do seu dia-a-dia. A poesia a seguir mostra, de forma lúdica, as muitas possibilidades de brincar com os sons, as palavras, com a linguagem enfim.

Você pode ler a poesia a seguir para as crianças e depois pode escolher com elas de que brincadeiras querem brincar. Caso alguma não seja conhecida de todos, você a ensina. Pode, ainda, brincar junto com as crianças, mesmo que elas já saibam brincar sozinhas.

Brincadeiras

*Uni duni tê,
salamê mingúe.
Um sorvete colorê,
o escolhido foi você.*

*Não parece passarinho,
não parece aviador,
mas passa sempre voando
pelo escorregador.*

*Sobe, sobe para o céu,
desce, desce para o chão.
A menina na gangorra
balança meu coração.
Todo o mundo sai a toda,
correndo atrás do colega.
É preciso estar perto
na hora do pega-pega.*

*Rodando no gira-gira,
parece que a vida vira,
parece que a roda roda,
girando no gira-gira.*

*Quem foge, cai na risada.
Quem procura, não sossega.
Escorrega tropeçando,
no jogo da cabra-cega.
Faço túnel, faço estrada,
faço largo com baleia,
faço castelo gigante
naquele tanque de areia.*

*Quem quiser brincar comigo,
vem aqui, levanta a mão.
Ficam três de cada lado,
vai ser polícia e ladrão.*

*É corcunda, cabeludo,
tem chifre e anda de quatro,
não é monstro, nem fantasma:
vai pular aula de teatro.*

*Pega, joga, dribla, passa,
corre, chuta, cai e rala,
cabeceia, grita, pula,
vai e volta atrás da bola.*

*Sobe lá, mas desce logo,
parece até uma dança.
A viagem nunca chega,
para quem brinca na balança.*

*É gostoso e divertido
não tem risco nem perigo.
A vida ganha sentido,
quando se tem um amigo.*

*Que desgraça, que desgosto,
que maldade, que castigo,
que pobreza, que tristeza
a vida sem um amigo!*

Dezenove poemas desengonçados.
Ricardo Azevedo.



*Balançando,
"Cenas infantis". Sandra Guinle*

ATIVIDADE 2

Que atitudes você acha que o(a) professor(a) de Educação Infantil pode tomar quando percebe que algumas crianças demonstram certa dificuldade em participar de atividades que acontecem fora da rotina pré-estabelecida? Você já teve um problema como este? Se já teve, seria interessante descrever o que aconteceu em seu caderno para trocar idéias com os(as) colegas do PROINFANTIL no próximo encontro quinzenal.



ATIVIDADE 3

As crianças precisam estabelecer vínculos com outros adultos que trabalham na instituição, como também se sentirem à vontade no espaço que ocupam.

Na sua prática, o que você faz para que as crianças estabeleçam vínculos com as pessoas que trabalham na instituição? Anote sua resposta em seu caderno e leve-a para ser discutida com os(as) colegas do PROINFANTIL no próximo encontro quinzenal.

Uma atividade interessante a ser feita quando as crianças ainda precisam se sentir mais confiantes em relação às outras crianças e adultos da instituição é levá-las a conhecer todos os setores desse espaço, como também as pessoas que nele trabalham. Orientadas pelo(a) professor(a), as próprias crianças podem fazer perguntas aos funcionários, tais como: Como é seu nome e qual é o trabalho

que você faz aqui? Você gosta de trabalhar em lugares que têm crianças? Você precisa de uniforme para trabalhar? Os(as) professores(as) conhecem você? Essas perguntas podem ter sido planejadas antes da visita ou não.

Terminada a visita, para que a atividade seja mais completa, você pode propor:

- a) Um registro ilustrado dessa experiência (pedir que as crianças desenhem a visita).*
- b) Um registro escrito dessa experiência: as crianças contam o que ocorreu e você escreve em letras grandes o que elas estão falando. Depois, este registro pode ficar exposto na sala, sendo retomado sempre que vocês quiserem se lembrar da visita.*
- c) A construção de um painel coletivo com desenho, pintura, ou mesmo uma brincadeira com música, para expressão de movimentos e emoções.*

Atividades como essa permitem que as crianças conheçam a instituição, deixando-as mais seguras para interagirem não só com os outros, colegas e adultos, mas também com o ambiente onde se encontram.

A instituição é um espaço onde ela vai dividir com os outros tudo o que faz, inclusive as ações para chamar a atenção da professora. Assim, o papel do(a) professor(a) é o de despertar a curiosidade das crianças para conhecer esse ambiente, seus espaços e pessoas, mostrar diferentes formas de explorá-lo através de brincadeiras e mostrar as variadas formas de as crianças se expressar a respeito dele.

Valéria Mourthé de Oliveira



Professor(a), como dissemos em *Abrindo nosso diálogo* e em outras unidades, é por meio das brincadeiras e dos jogos que a criança, gradativamente, vai conseguindo construir seu conhecimento, constituir-se enquanto pessoa, relacionar-se com o outro, aprender e trocar com o grupo ao qual pertence.

Em se tratando de Educação Infantil, a criança está começando a desenvolver suas habilidades para as brincadeiras de modo geral e para a brincadeira do faz-de-conta, em especial, nas quais as regras ainda não estão estabelecidas. Nesse sentido, a liberdade de ação das crianças deve ser muito grande (tomando-se o cuidado para que as brincadeiras não ponham em risco a segurança delas). Por outro lado, observa-se ainda que, nessas atividades, as crianças criam e mudam as regras, de acordo com os interesses imediatos da brincadeira. Você, professor(a), pode contribuir para que as crianças vivam esses momentos de forma prazerosa e proveitosa. Para isso, é sempre bom conhecer um pouco mais sobre o tema. O livro sugerido no quadro a seguir pode ser útil para você

FRIEDMAN, A. *Brincar: crescer e aprender – O resgate do jogo infantil*. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

Esse livro tem como objetivo resgatar as brincadeiras e o jogo infantil, num tempo em que eles têm sido esquecidos. Numa linguagem clara e afetiva, com base em estudos e pesquisas, a autora nos mostra sua importância e o benefício que trazem para a vida da criança e de todos nós.

ATIVIDADE 4

No quadro a seguir, a professora Marília Amorim descreve como as crianças com as quais trabalhava brincavam de “Batatinha frita, um, dois, três!”

“Costumo sempre dar como exemplo o jogo da batatinha frita. Com crianças menores, antes de construir o grupo e a regra, em geral, acontece assim: o líder do jogo – aquele que conta “batatinha frita, um, dois, três” e verifica quem deve voltar ao começo, por ter se mexido – modifica sua postura no decorrer do jogo. À medida que as crianças chegam mais perto de seu posto e aproxima-se o momento de cedê-lo a outro, ele prolonga o tempo de espera, até que todos se mexam e tenham que voltar ao início. O jogo não acaba nunca e seu poder se mantém.”



A brincadeira “Batatinha frita um, dois, três” acontece da seguinte maneira:

Coloque uma criança de costas para o resto do grupo. As demais crianças encostam as costas numa parede olhando para o que está na frente. Este conta: “Batatinha frita, um, dois, três!” e vira-se rapidamente. Enquanto ele estiver contando, o grupo, ajoelhado ou se arrastando, move-se para chegar perto do comandante, mas quando este se vira os demais ficam imóveis. Quem for visto se movendo, volta para a parede do início. O que chegar primeiro assume o comando.



Agora é a sua vez! Pense numa brincadeira que as crianças da região onde você trabalha costumam brincar. Escreva como se brinca e como as crianças costumam se comportar quando realizam a brincadeira.

Se você quiser conhecer mais experiências da professora Marília Amorim, sugerimos o livro comentado no quadro a seguir.

AMORIM, M. *Atirei o pau no gato – a pré-escola em serviço*. Editora Brasiliense, 1986.

A leitura desse livro deveria servir de base para todos que estão começando a trabalhar com criança. Fazendo uso de uma linguagem simples e coloquial, Marília conta suas experiências, práticas e conhecimentos sobre seu fazer com crianças e leva-nos a refletir sobre o nosso também.

Sabe-se que a criança, ao brincar, cria, inventa, imita e muda a brincadeira sempre que sente necessidade. No “faz-de-conta”, sempre troca os papéis, ora sendo filha, ora se colocando no papel de mãe, por exemplo. Imita também o(a) professor(a), representa personagens dos contos de fadas. Essas histórias são repletas de situações em que os conflitos e medos são resolvidos com coragem, ousadia, justiça, astúcia e amor. Assim, à medida que trabalha suas emoções, a criança vai, ao mesmo tempo, conseguindo resolver seus conflitos, vai se conhecendo, sendo capaz de ver o outro e se inserindo em seu contexto.

É através dessas experiências que a criança se constitui uma pessoa individual, capaz de fazer escolhas, dizer o que pensa, participar e contribuir com o grupo a que pertence.

Para favorecer esse fazer da criança, é fundamental que o espaço em que ela se encontra ofereça recursos e materiais, como fantasias variadas, bolsas, óculos, sapatos, maquiagem, espelho, chapéus, máscaras, lenços de tamanhos variados, se possível. Objetos de brinquedo que imitam os usados em casa, como panelas, pratos, talheres, vassouras, bonecas de tamanhos e tipos diferentes etc.

Esses objetos vão permitir que as crianças expressem suas emoções, representando situações variadas que vivenciam no seu cotidiano. O recomendado é que se crie um espaço no ambiente da instituição onde a criança fica. Havendo esse espaço, é bom que ele seja renovado periodicamente, para sugerir outros “inventos” e manter o interesse do grupo por ele. Os objetos que compõem esse espaço estarão ganhando papéis e significados surpreendentes a partir das atividades das crianças.

Na próxima seção, vamos continuar falando sobre a capacidade da criança de criar, desde que esteja motivada e se sinta à vontade para expressar como percebe a realidade em que vive. Sua imaginação, ainda livre de padrões pré-estabelecidos, cria situações repletas de significados.

Seção 2 – Motricidade, afetividade, expressividade, pensamento e linguagem na aprendizagem

OBJETIVO DA SEÇÃO:

- REFLETIR SOBRE SITUAÇÕES COTIDIANAS COM CRIANÇAS PEQUENAS, APONTANDO A NECESSIDADE DE SE TER UMA VISÃO DE DESENVOLVIMENTO COMO PROCESSO QUE ENVOLVE DIFERENTES ÁREAS DO COMPORTAMENTO HUMANO.

Cena 1

Lembrando coisas

No começo do dia, uma criança queria contar um segredo para a professora e perguntou se podia falar no ouvido, sem que ninguém escutasse:

- Criança (baixinho): – Sonhei com a Vilma.
Professora: – É mesmo! E o sonho foi legal?
Criança: – Foi!
Professora: – Tinha mais alguém no seu sonho?
Criança: – Ah! Tinha o Jorge.
Professora: – E onde vocês estavam no seu sonho?
Criança: – Numa floresta.

Daí a professora propôs que ela contasse o sonho na rodinha para todos os amigos, porque “o sonho” era legal e é muito bom sonhar. Ela, sorrindo meio sem graça, disse que não. Mas, na hora, ela contou até mais coisas que aconteceram no sonho.

KRAMER, S. *Com a pré-escola nas mãos* – uma alternativa curricular para a Educação Infantil. São Paulo: Editora Ática, 1997. p. 43-44.



Ao nascer, o ser humano dá início ao seu processo de aprendizagem. As etapas de desenvolvimento pelas quais a criança passa são igualmente importantes e necessárias. A criança aprende balbuciando, chorando, sorrindo, rolando, engatinhando, ficando de pé, andando e falando!



A fala marca o momento em que a criança começa a se expressar, através da linguagem oral, dizendo o que sente, pensa e quer. Você viu na unidade anterior que, mesmo não entendendo o significado de todas as palavras que ouve, a criança só vai aprender e desenvolver sua fala na troca com o outro. De tanto ouvir e repetir os sons, antes desconhecidos, a criança começa a entender seus significados e a comunicar-se em diferentes situações. Assim, é importante que a criança tenha a oportunidade de falar e de ouvir o que os outros dizem. As rodas de conversa são um momento importante na rotina da Educação Infantil para que a criança possa falar de seus sentimentos, de suas vivências, medos, ansiedades e descobertas. Nesses momentos, professor(a), seu papel é muito importante, ouvindo o que as crianças dizem, fazendo comentários e incentivando os mais tímidos a se expressarem.

Professor(a), sempre que possível, responda com outra pergunta a pergunta feita por alguma criança. Assim fazendo, você estará estimulando-a a pensar, a buscar respostas consigo mesma antes de ouvir a sua. Isso não significa que você não vá responder, informar, lhe fornecer novos dados sobre sua cultura, mas é importante que a criança tente descobrir e encontrar respostas baseadas em seus conhecimentos e experiências antes de ouvir a resposta dada pelo adulto e tomar as suas próprias decisões. Em algumas situações, é mais importante permitir que a própria criança formule respostas para suas indagações.

Nessa fase, em algumas situações, ainda prevalecem a comunicação e as expressões através do uso do corpo. Assim, vale considerar as brincadeiras, jogos, brinquedos cantados, músicas que contemplem movimentos, gestos e expressões corporais.

É através do corpo que a criança dá início ao seu processo de comunicação e conhecimento do mundo. Enquanto cresce, a criança vai conhecendo seu próprio corpo e aprendendo a gostar e cuidar dele. Atividades que exploram o espaço com relação às posições longe/perto, dentro/fora, em cima/embaixo, à frente/atrás ajudam a criança a reconhecer os limites do espaço onde se encontra e saber se situar e situar os outros. Conhecer seu corpo e suas possibilidades desperta o desejo de explorar essas possibilidades e ajuda a criança a enfrentar desafios que exijam movimentos e habilidades corporais, além de possibilitar que ela use seu corpo para expressar sentimentos e emoções.

Brincar com as crianças de “Seu mestre mandou” pode ajudá-las a explorar a localização do corpo no espaço. As regras da brincadeira são as seguintes:

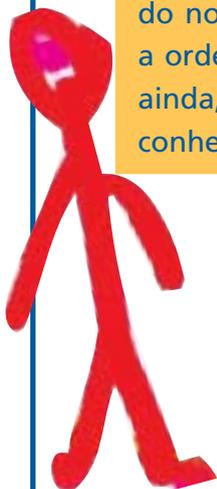
Seu mestre mandou

A brincadeira começa com a definição de alguém para ser o “mestre”. A princípio, o mestre pode ser o(a) professor(a), alternando essa posição com outras crianças na seqüência da brincadeira.

O mestre vai dando ordens que o grupo deve cumprir:

- Seu mestre mandou coçar a cabeça!
- Seu mestre mandou tocar o pé!
- Seu mestre mandou ficar atrás da porta!
- Seu mestre mandou ficar na frente da mesa etc.

A brincadeira continua enquanto houver interesse. O critério para escolha do novo mestre pode ser combinado com as crianças: o primeiro a errar a ordem do mestre, ou aquele que obedecer a ordem mais depressa, ou, ainda, aquele que não errar nenhuma ordem. Essa brincadeira também é conhecida como “Seu macaco mandou”.



Outra atividade pode ser desenvolvida a partir da poesia abaixo.

Era uma vez

*Um dia a menina
criança se fez...
Faz-de-conta,
conto de fada,
ciranda de roda,
roda pião,
cama de gato,
bolinha de sabão,
cabra cega,
amarelinha,
salada, saladinha,
batatinha frita,
um, dois, três...
Passa o anel,
passando o bastão,
passa-passa...
E a criança
Era uma vez!*



Paisagens da infância. Fátima Miguez. Victor Tavares (il.)

Você pode começar recitando a poesia para as crianças. Nesse momento, você pode usar e abusar da expressão corporal e das mudanças na entonação da voz. Em seguida, você pode perguntar às crianças quais das brincadeiras que aparecem na poesia elas conhecem, escolhendo algumas para brincar. A escolha das brincadeiras pode ser motivo de discussão entre as crianças, o que vai exigir de você habilidade para combinar as preferências de maneira que todos sejam atendidos. O que for combinado deve ser cumprido.

Algumas brincadeiras podem ser difíceis de fazer no lugar onde você trabalha. Você pode, então, explicar como é a brincadeira e porque não é possível realizá-la naquele momento. Posteriormente, você poderá procurar um local e planejar a ida das crianças até lá para fazer a brincadeira.

ATIVIDADE 5

Das brincadeiras citadas na poesia, quais você conhece? Já brincou de alguma delas com as crianças? Quais? Escreva em seu caderno como foi uma experiência sua com o grupo de crianças com o qual você trabalha ao brincar de uma dessas brincadeiras.



Cândido Portinari, "Menino com pião"
1947 – Pintura a óleo/tela – 65 x 54cm

A figura acima mostra o quadro "Menino com pião", de Antônio Cândido Portinari. A brincadeira de pião é muito comum em várias regiões do Brasil e é também citada na poesia "Era uma vez". Na região em que você trabalha, as crianças brincam de pião? Com quais outros brinquedos elas brincam?

Os textos que você tem estudado neste módulo têm mostrado os benefícios que o brincar traz à vida da criança: ela se sente feliz, autoconfiante e estimulada em sua aprendizagem, com vontade de conhecer tudo que a cerca. Outras atividades podem estimular a brincadeira entre as crianças. A leitura de histórias, por exemplo, oferece às crianças oportunidades para imaginarem novos enredos para suas brincadeiras.

Há muitas formas de explorar com as crianças a leitura de histórias. Ao contá-las, é importante que o(a) professor(a) use muitos recursos expressivos: fazer diferentes vozes, gesticular, criar um clima de suspense etc. Esses recursos fazem com que a criança se envolva na história, despertando seu interesse e sua curiosidade. Você pode convidar as crianças a recontarem a história a seu modo, usando ou não o livro. É interessante também, no caso do uso do livro, pedir que as crianças prestem bastante atenção nas ilustrações, contando o que vêem. A partir da história, podem ser desenvolvidas dramatizações, teatrinhos de fantoches e/ou de vara, dentre outras atividades.



Algumas vezes, quando o(a) professor(a) utiliza o livro para contar histórias, algumas crianças demonstram o desejo de levar o livro para casa. Quando mais de uma criança manifesta esse mesmo desejo, você pode discutir com o grupo uma forma de resolver a questão. Você pode ajudar, mas deve esperar que a decisão venha do grupo. Tente apenas contribuir, lembrando à criança que levar o livro para casa, trazê-lo de volta para os colegas.

ATIVIDADE 6

No seu planejamento dos dois últimos meses, há atividades relacionadas ao desenvolvimento da linguagem, psicomotor, sócio-afetivo e cognitivo? Se a resposta for sim, escolha duas dessas atividades que tenham sido do agrado das crianças, avaliando esse resultado. Por que você acha que elas se interessaram?

Se a resposta for não, o que você considera estar impedindo, ou dificultando, o desenvolvimento desse tipo de atividade? Seria importante você anotar suas dificuldades e discuti-las com seu tutor ou com seus(suas) colegas do PROINFANTIL.

Seção 3 – Corporeidade e o desenvolvimento da sexualidade da criança

OBJETIVO DESTA SEÇÃO:

**- REFLETIR SOBRE O CORPO E O
DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE
DA CRIANÇA PEQUENA,
DO PONTO DE VISTA DA CULTURA.**

Cena 2

Na aula de Educação Física, o professor percebe que os meninos estão debochando de um colega que usa uma camiseta rosa. O menino fica triste e o professor conversa com as outras crianças, que têm entre 4 e 5 anos, sobre as razões do deboche. Explica que tanto homens quanto mulheres podem usar qualquer cor de roupa, pois não existem cores só de homem ou só de mulher. No dia seguinte, o professor vai, ele próprio, vestido com uma camisa rosa.



Professores(as) de Educação Infantil se deparam, em seu cotidiano, com diversas situações como a descrita no quadro acima, em que as crianças discriminam colegas por utilizarem roupas ou fazerem brincadeiras consideradas próprias a meninos ou meninas.

São também comuns situações nas quais as crianças tocam seu próprio corpo ou o corpo dos colegas com curiosidade, descobrindo sua sexualidade e deixando o(a) professor(a) muitas vezes em dúvida sobre qual atitude tomar.

Falar de sexualidade exige do(a) professor(a) coragem, conhecimento e sensibilidade para tratar de algo tão polêmico. O tema da sexualidade deve fazer parte do currículo de todas as instituições educacionais, entretanto estas instituições estão sujeitas às normas da cultura do meio social onde estão inseridas. Por isso, cada instituição tratará o tema da sexualidade a partir do conhecimento e da disponibilidade que têm os profissionais que nela atuam, dependendo da maneira como pensam, percebem e entendem essa questão.

A sexualidade faz parte da vida do ser humano desde o seu nascimento. Entretanto, sabemos que é a cultura social que dita os padrões “normais” e “corretos” dos comportamentos próprios ao gênero feminino ou masculino.

O psiquiatra e neurologista austríaco Sigmund Freud desenvolveu estudos que revolucionaram nossa maneira de compreender a sexualidade. Estes estudos evidenciam que os comportamentos e sentimentos **eróticos** têm início com o nascimento da criança, modificando-se ao longo do seu desenvolvimento. Assim como todas as funções humanas, a sexualidade é parte da vida das pessoas, sendo, por isso, natural. Conseqüentemente, deve ser tratada com naturalidade. Segundo Freud, o desenvolvimento da sexualidade infantil passa por fases nas quais a fonte de prazer se localiza em partes distintas do corpo. Essas fases são: inicialmente de 0 a 2 anos, mais ou menos, a satisfação é sentida através da boca; em seguida, de 2 a 4 anos, mais ou menos, a satisfação é sentida através do ânus e se relaciona ao **esfíncter** e à **uretra**; e depois a satisfação é sentida, também, através dos órgãos genitais (pênis ou vagina).

Durante essas fases, a criança tem muitas fantasias e, além de prazer, vive momentos de angústia, sensações de perda, sofrimentos e dor. Todos esses sentimentos vão interferir no modo como a criança vai viver e experimentar sua sexualidade. É importante que o(a) professor(a) compreenda como a criança está vivendo esta sexualidade para poder atuar como um(a) mediador(a) seguro(a) desse processo.

Com crianças que levam tudo à boca, é importante ter o cuidado de que os objetos estejam limpos, tenham um tamanho adequado para não serem engolidos e sejam feitos de material atóxico, pois certamente serão levados à boca, considerando que é desta forma que a criança conhece e experimenta o mundo à sua volta.

Mais tarde, o prazer está ligado ao controle dos esfíncteres. A retenção e expulsão das fezes e urina é, para a criança, uma fonte de prazer. Sabendo disso, o(a) professor(a) de Educação Infantil pode contribuir para que a fase na qual a criança está aprendendo a usar o vaso sanitário, deixando as fraldas, seja vivida com naturalidade e sem pressões excessivas. É preciso reconhecer que cada um tem seu próprio ritmo, evitando situações como levar todas as crianças ao mesmo tempo ao banheiro, mesmo que algumas não manifestem essa vontade, ou deixá-las por longo tempo sentadas no vaso sanitário ou penico.

Quando a criança descobre os órgãos genitais como fonte de prazer, ela pode passar a tocar seus órgãos com freqüência.

Ainda bebê, a criança descobre que tocar em partes de seu corpo lhe proporciona uma sensação de prazer. A esse toque, dá-se o nome **masturbação**. Ao descobrir as partes mais sensíveis de seu corpo, sempre que sentir necessidade ou vontade, a criança voltará a tocar essas partes para se auto-satisfazer. Essa exploração do próprio corpo é um processo de descoberta perfeitamente natural, que só deve preocupar pais e educadores quando se torna obsessivo. Se a criança deixa de brincar para ficar se masturbando, isso pode significar um alerta de que alguma coisa não está bem com ela. Pode ser que ela esteja ansiosa com alguma coisa que está lhe acontecendo em casa ou na escola, por isso pais e educadores devem estar atentos, observando o comportamento da criança para identificar o que está lhe causando ansiedade.

Quando o(a) professor(a) percebe que alguma criança, em especial, passa muito tempo tocando o próprio corpo, alheia àquilo que está se passando à sua volta, sua atitude deve ser natural, chamando a criança a participar das atividades que estão sendo desenvolvidas, brincando com ela e procurando despertar seu interesse para outras situações que estejam acontecendo. Proibições e castigos não surtem qualquer efeito positivo, pelo contrário, aumentam a ansiedade, fazendo com que a criança sinta uma necessidade ainda maior de se masturbar. É importante, também, conversar com a família da criança para entender o que está se passando com ela fora do ambiente da instituição.

Outra situação bastante comum é aquela em que as crianças se envolvem em brincadeiras amorosas, nas quais reproduzem atitudes, diálogos, situações que observam entre os adultos, principalmente aquelas situações veiculadas pela mídia através das telenovelas. Brincadeiras de médico e de papai e mamãe também são jogos amorosos infantis que acontecem com frequência. O que motiva essas brincadeiras é a curiosidade natural que impulsiona muitas outras ações da criança. Curiosidade com relação a seu próprio corpo e com relação ao corpo do outro também. Como sabemos, a brincadeira é o meio privilegiado que a criança encontra para lidar com o mundo real. Com relação à sexualidade não é diferente: é brincando que a criança vai aprendendo a lidar com tudo que é novo e desperta seu interesse. É importante que tanto pais quanto professores(as) percebam que tais brincadeiras não têm um caráter erótico ou sexual, não as interpretando com a cabeça do adulto. Também é importante nessas situações, como em todas as outras que acontecem no cotidiano das instituições de Educação Infantil, que o(a) professor(a) esteja atento(a), observando o que acontece para intervir com naturalidade, sugerindo a substituição da brincadeira quando esta extrapolar.

O(a) professor(a) pode ajudar a criança a conhecer melhor seu próprio corpo, e o dos colegas, desenvolvendo atividades diversas, tais como:

- *Observar-se ao espelho, fazendo depois um auto-retrato.*
- *Desenhar o corpo do colega. Uma criança se deita no chão, sobre uma folha de papel pardo, enquanto outra faz o contorno de seu corpo. Em seguida, são acrescentados os detalhes, com a ajuda do grupo: olhos, boca, nariz etc. É importante que o(a) professor(a) não adote uma postura de censura se as crianças lembrarem, por exemplo, de desenhar no boneco os órgãos genitais.*
- *Sentir os diferentes ritmos do corpo: as batidas do coração após uma corrida, a respiração etc.*

A seguir, vão dois exemplos de atividades que também têm o objetivo de conhecer melhor o corpo, explorando suas possibilidades, e que você pode realizar com as crianças.

1. "Cabeça, ombro, joelho e pé"

Neste brinquedo cantado, você nomeia e toca as partes do corpo, junto com as crianças, cantando uma música:

*" Cabeça, ombro, joelho e pé
Joelho e pé, joelho e pé.*

*Olhos, ouvidos, boca e nariz
Cabeça, ombro, joelho e pé."*

Caso você não saiba a melodia, pode inventar uma ou apenas falar os versos.



2. “Pula um pouco”

Nesta brincadeira, você vai cantando e executando a ação com as crianças:

“Pula um pouco, pula um pouco.

Pula, pula, pula.

Pula um pouco, pula um pouco.

Como é bom!”

Você pode trocar o verbo pular por marchar, andar, dançar, deitar etc.

Mesmo antes da criança nascer, ela já começa a fazer parte do gênero a que pertence, sendo marcada por ele. Se menino, espera-se que siga o modelo masculino: os pais compram roupas na cor azul, a decoração do ambiente onde a criança ficará segue padrões masculinos, espera-se que vá gostar de futebol etc. Se for menina, segue o modelo feminino: roupas cor-de-rosa, bonecas etc. Esses modelos são reforçados não só pela família e pelas instituições educacionais, como também pela Igreja, pela mídia etc. O objetivo desse reforço é conseguir a construção de um sujeito disciplinado, capaz de controlar seus sentimentos e impulsos sexuais para enquadrá-los nos comportamentos esperados. Com isso, a cultura social procura definir o que considera “normal” para uma identidade masculina e uma feminina.

Entretanto, a criança muitas vezes subverte esses papéis e o brinquedo é o espaço onde essa subversão se expressa. Muitas vezes os meninos gostam de se envolver em brincadeiras consideradas próprias às meninas e as meninas demonstram interesse pelas brincadeiras consideradas apropriadas aos meninos. Nessas situações, as instituições educacionais têm um papel muito importante no sentido de promover práticas que tenham por objetivo quebrar com os preconceitos e estereótipos. A situação descrita no quadro a seguir exemplifica como isso pode acontecer.

Gabriela é professora de crianças entre 5 e 6 anos. Ela fez, com a ajuda de seus alunos, uma boneca de pano. A cada dia uma das crianças leva a boneca para casa com o objetivo de cuidar dela. De início, alguns pais de meninos proibiram que seus filhos levassem a boneca para casa ou simplesmente não deixavam que eles pegassem o brinquedo quando o levavam. Gisela fez, então, uma reunião com os pais de seus alunos em que explicou, numa linguagem simples, a importância da brincadeira na vida da criança e dos objetos que possibilitam a vivência de vários papéis ao brincar. Quando brinca com uma boneca, o menino pode desempenhar o papel de médico, professor, pai ou mesmo mãe, sem que isso vá afetar sua masculinidade. É apenas uma forma de representar um personagem, como qualquer outro.

Embora nem todos os pais tenham se convencido, mostraram maior tolerância à atividade de levar a boneca para casa.

ATIVIDADE 7

Como você analisa a situação descrita anteriormente? O que você acha da atitude da professora? Você já viveu situação semelhante? Como você agiu? Você pode anotar suas observações no seu caderno para discuti-las com seus(suas) colegas do PROINFANTIL no próximo encontro quinzenal.

Em princípio, não há razão para interferir quando meninos brincam de boneca ou quando meninas se mostram mais interessadas em brincadeiras consideradas de menino. Isso só se torna algo preocupante se o menino rejeita outros brinquedos e a companhia de outros meninos constantemente. Isso vale também para as situações em que meninas rejeitam a companhia de outras meninas, participando apenas em brinquedos e brincadeiras em que só os meninos estão envolvidos. Pode estar acontecendo, por exemplo, uma rejeição da criança entre os companheiros do mesmo sexo e por isso ela esteja se ligando mais aos companheiros do sexo oposto. Nesse caso, cabe ao(a) professor(a) promover situações que favoreçam a integração da criança nos grupos, de modo que ela se considere aceita. O importante, ao analisar a situação, é olhar sem valer-se de conclusões preconceituosas, buscando compreender o que está acontecendo realmente.

ATIVIDADE 8

Leia a situação descrita no quadro:

Recentemente alguns jornais de Minas Gerais deram destaque a uma briga judicial que envolvia um time de futebol de salão infantil que pleiteava, na justiça, o direito de ter uma menina jogando num time de meninos. A despeito dos esforços do time e da família da menina, a primeira decisão da justiça desportiva foi desfavorável à menina, o que provocou uma verdadeira mobilização de toda a cidade onde a pequena atleta vivia.

O que você pensa de situações como essa? Como você percebe a relação entre pertencer a um determinado gênero (masculino ou feminino) e executar atividades que, tradicionalmente, são comuns a outro gênero? Você pode anotar suas reflexões em seu caderno para discuti-las com seus(suas) colegas do PROINFANTIL.



Muitas vezes, na própria escola, os meninos não gostam de ter as meninas jogando futebol com eles ou as meninas não aceitam os meninos em suas brincadeiras de casinha. Esta é uma situação em que você, professor(a), tem a oportunidade de conversar com as crianças sobre o preconceito. No caso dos meninos que excluem as meninas, você pode, inclusive, informá-los sobre o futebol feminino.

A seguir, sugerimos algumas atividades que podem ajudar a lidar com o preconceito com relação ao gênero:

- *Um futebol misto, em que nos dois times joguem meninos e meninas.*
- *Brincadeira do “Lenço atrás”, na qual um menino tenha que escolher uma menina e vice-versa.*
- *Utilizar brinquedos que costumam ser marcados pelo uso de um dos gêneros, por exemplo, boneca, carrinho, miniaturas de objetos de casa etc. Criar jogos nos quais estes objetos sejam manipulados pelos meninos e pelas meninas, podendo ser criadas, para os objetos, funções diferentes das usuais. As possibilidades são muitas, crie a sua!*

É importante permitir que, ao longo da Educação Infantil, a criança viva inúmeros e diferentes papéis, inclusive do gênero diferente do seu. Isso a ajudará no seu desenvolvimento psíquico e na construção da sua identidade.

Caso você deseje aprofundar um pouco mais os temas discutidos nessa seção, o livro sugerido no quadro a seguir poderá ajudá-lo(a).

BROWN, L. K.; BROWN, M. *Qual é o grande segredo?* – Falando sobre sexo com meninas e meninos. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1998. Esse livro mostra, de forma natural e lúdica, as diferenças entre meninos e meninas, suas escolhas e preferências como tais. Em algumas cenas, os personagens dialogam entre si. As ilustrações complementam o tema tratado, tornando o livro um material excelente para ser usado pelo(a) professor(a).

Seção 4 – Observar, registrar e avaliar a brincadeira infantil

OBJETIVO DESTA SEÇÃO:

- **DESENVOLVER MEIOS PARA OBSERVAR O BRINCAR DAS CRIANÇAS.**

Professor(a), alcançar esses objetivos requer de você:

1. *Uma identificação com o lúdico que toda criança traz e que os adultos também deveriam trazer. A capacidade de brincar, de imaginar é tão importante que deveria permanecer não só na infância, mas por toda a vida.*
2. *Sensibilidade para compreender e aceitar as diferenças.*
3. *Habilidade para orientar as demandas das crianças, individualmente e/ou em grupo.*

Cena 3

A hora do recreio da turma da professora Gabriela é o momento em que, segundo ela, “tudo acontece”. As crianças levam para o pátio objetos variados: corda, panelinhas, pá e enxada de brinquedo, carrinhos, mesa e cadeira. Os grupos se dividem, envolvendo-se em diferentes enredos: um grupo monta uma lanchonete e vai preparar comida para servir ao “pessoal da obra”, que nada mais é que outro grupo de crianças que brincam com os instrumentos de construção. Algumas crianças pulam corda. Esta é a atividade preferida de Tainá, uma menina que, no início do ano, era muito discriminada pelos colegas, mas que foi conquistando o respeito de todos porque pula corda como ninguém.

Durante o recreio, Gisela observa as crianças, ao mesmo tempo em que participa das brincadeiras dos diferentes grupos quando solicitada. Foi observando o que as crianças fazem no recreio que ela percebeu que Ian, que é muito agitado na sala de aula, é capaz de passar um longo tempo brincando de ser cozinheiro e que algumas crianças brincavam de escolinha utilizando as fichas que ela usava para reconhecimento do nome em sala de aula. Essas crianças, que na sala tinham grande dificuldade em identificar seu nome e os dos colegas, na brincadeira faziam isso com desenvoltura.

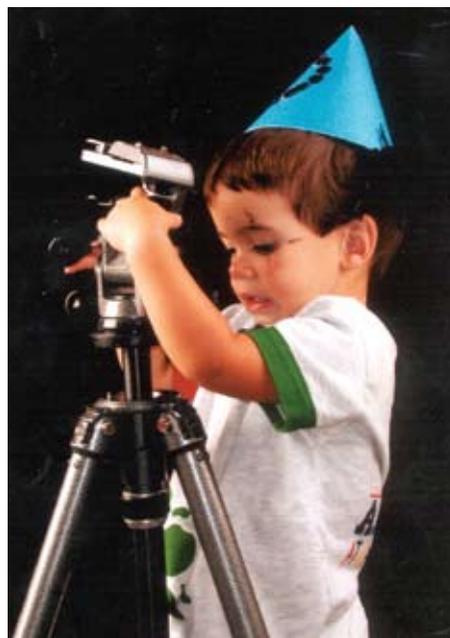


É nas relações, nas experiências que juntas vão vivendo, que os conhecimentos das crianças vão se ampliando e tudo o que está ao seu redor vai ganhando sentido e significado. É na convivência com o outro, na interação com seu grupo, na troca entre os(as) colegas, que a criança se enriquece, diversifica suas experiências e é favorecida em seu crescimento individual e coletivo. Um grupo nunca é homogêneo, e é bom que não seja, pois isso traz benefícios: você e as crianças ganham aprendendo a lidar com as diferenças, aprendem e crescem com os desafios.

Entretanto, para que as diferenças de interesses, habilidades e formas de expressão que existem entre as crianças sejam valorizadas, é necessário que o(a) professor(a) seja, antes de tudo, um(a) observador(a) sensível e atento(a), para que possa identificar o que está acontecendo entre as crianças e de que modo pode intervir para favorecer o desenvolvimento delas. Na cena descrita no quadro que inicia esta seção, por exemplo, a professora Gabriela usa o tempo do recreio, momento em que as crianças interagem mais livremente em suas brincadeiras, para observar as diferentes habilidades e interesses manifestos pelo grupo. Graças a essa observação, a professora pode compreender dimensões do processo de desenvolvimento das crianças que talvez não se revelassem em outras situações. Isso permite que ela planeje atividades diversificadas, que atendam aos interesses de todos, além de favorecer que ela valorize todas as crianças, considerando o que cada uma tem de especial.

A observação pode acontecer em todos os momentos em que o(a) professor(a) interage com as crianças, de forma **assistemática**, e pode também se dar em momentos específicos, nos quais o(a) professor(a) se dispõe o olhar mais atentamente o que acontece no grupo ou com uma criança em especial, registrando suas impressões. Essa observação mais sistemática pode ser orientada por um roteiro, como o que sugerimos a seguir.

- *Que tipo de brincadeira parece dar mais prazer às crianças?*
- *Como o grupo está evoluindo em relação à linguagem e à organização de idéias? A brincadeira tem favorecido esta evolução?*
- *Que tipo de habilidades as brincadeiras têm favorecido que se desenvolvam nas crianças?*
- *Como as crianças se comportam nas brincadeiras que elas escolhem livremente? E naquelas que você propõe? Há diferenças? Quais?*



Eugênio Sávio

Essas e outras questões, que você julgar importantes, podem orientá-lo na observação do desenvolvimento das crianças. Além de observar, é importante registrar, ou seja, fazer algum tipo de anotação a respeito do que foi observado. Através dessas anotações, você poderá acompanhar como

as crianças se desenvolvem e a importância e aceitação das propostas de trabalho que você desenvolve com elas. Além disso, os registros são um meio para que os(as) professores(as) que trabalharão com as crianças em anos posteriores saibam o que aconteceu com relação a elas ao longo de suas vidas na instituição de Educação Infantil.



ATIVIDADE 9

Que tal realizar um exercício de observação com as crianças com as quais você trabalha? Escolha uma ou algumas crianças do grupo para realizar este exercício. Observe essa(s) criança(s) por alguns minutos (mais ou menos 10 minutos), anotando tudo o que ela(s) faz(em) neste tempo. Repita essa observação por alguns dias, observando a(s) criança(s) em diferentes situações. Tente escrever o que você vê e não o que você pensa que sabe sobre a criança. Depois, leia o que você escreveu. O que você descobriu sobre essa(s) criança(s)? O que você achou mais difícil nesse exercício de observação? Anote suas conclusões no seu caderno e discuta com os(as) colegas do PROINFANTIL no próximo encontro quinzenal.

PARA RELEMBRAR

- No decorrer desta unidade, através da análise de situações do dia-a-dia das instituições de Educação Infantil e a partir de sugestões de atividades, você foi levado(a) a pensar as muitas e variadas formas de desenvolver um trabalho no qual a observação, o registro e a análise podem favorecer a elaboração de propostas de trabalho com as crianças.
- Na primeira seção, partindo de reflexões que você já havia desenvolvido em unidades anteriores, nos textos de Fundamentos da Educação deste módulo, analisamos como os jogos e as brincadeiras favorecem a integração da criança no grupo ao qual pertence, facilitando um relacionamento cordial, solidário, em que o respeito e a cooperação também estejam presentes.
- A seguir, partindo do que você estudou sobre o desenvolvimento infantil nas Unidades 1, 2 e 3 de Fundamentos da Educação, tecemos considerações sobre a importância de possibilitar à criança um desenvolvimento global. Logo, vimos a necessidade de colocar-lhe desafios, através de atividades lúdicas, em que a busca para superar esses desafios sirva como estímulo para novas descobertas.

- Na terceira seção, vimos o papel que as instituições de Educação Infantil podem desempenhar em relação ao desenvolvimento da sexualidade da criança e no tratamento das questões de gênero. Os temas abordados no texto de Fundamentos da Educação, na Unidade 3 deste módulo, podem ajudar a compreender as questões culturais envolvidas nas relações de gênero em nossa sociedade.
- Finalmente, na quarta seção, ponderamos sobre a necessidade da observação e do registro como formas de avaliação de todo e qualquer trabalho desenvolvido na Educação Infantil. Esta prática pode ajudá-lo(a) a acompanhar o desenvolvimento das crianças e estimulá-lo(a) a buscar conhecer mais sobre como se dá esse desenvolvimento. O tema da avaliação na Educação Infantil será retomado no texto de Fundamentos da Educação, Unidade 5 do Módulo III e também no texto de Fundamentos da Educação, Unidade 3 do Módulo IV.

ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

Orientações para a prática pedagógica

Caro(a) professor(a),

As considerações feitas nesse módulo podem ajudar a enriquecer sua prática e fortalecer seu compromisso enquanto educador(a). Torcemos para que as questões aqui tratadas tenham servido de estímulo para a busca de novos conhecimentos. É sempre bom continuar aprendendo e poder melhorar o seu fazer junto à criança.

Como sugestão, para dar continuidade às reflexões dos temas que tratamos nesta unidade, você pode formar um grupo de estudo com outros(as) professores(as), em que vocês terão oportunidade de ler não só livros, como também artigos de revistas que falam sobre educação. Se o grupo for grande, ele pode ser dividido e cada subgrupo pode escolher um tema para ser estudado.

É interessante também você levar para esses encontros situações vivenciadas com as crianças e que precisem ser mais bem analisadas. Algumas vezes você certamente tem dúvidas sobre a maneira mais adequada de encaminhar essas situações. A troca pode ser rica e as experiências compartilhadas sempre acrescentam.

Uma outra idéia que, se bem planejada, pode ser um sucesso é fazer uma integração das crianças com as quais você trabalha com as de outras instituições

ou de outras turmas de uma mesma instituição. Nesse encontro, um bom tempo pode ser reservado para brincadeiras, jogos e recreação livre. Em outro momento, pode haver a visita de contadores de histórias, a realização de um teatro com cenas simples, ou mesmo uma poesia recitada por um grupo, ou uma música cantada por outro. Idéias não faltarão, e tudo o que puder tornar a atividade alegre, bonita e colorida é bem vindo. As crianças gostam e, como você sabe, todas essas atividades contribuem para o desenvolvimento delas.

Finalmente, professor(a), pensar com você este trabalho foi muito bom. Você é uma pessoa especial e lida com pessoas muito especiais, por isso é preciso estar atento(a) aos detalhes ao se relacionar com os pequenos. Ao falar com uma criança, abaixe-se para ficar da mesma altura dela. Um olhar próximo e mãos que acolhem, muito podem e conquistam. Para as crianças, você é um referencial importante, um modelo a ser seguido.

GLOSSÁRIO

Assistemática: que não se realiza sistematicamente em períodos que tenham sido previamente determinados; “de vez em quando”.

Demandas: necessidades, exigências.

Erótico: relativo às zonas erógenas, ou zonas de prazer do corpo humano.

Esfíncter: músculo que serve para fechar ou abrir vários canais naturais do corpo.

Lúdico: que se refere a jogos e brincadeiras.

Masturbação: tocar os órgãos genitais, obtendo prazer neste toque.

Uretra: canal que dá passagem para a eliminação da urina.

SUGESTÕES DE LEITURA

AMORIM, M. *Atirei o pau no gato – a pré-escola em serviço*. Editora Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, H., FROESLER, M. G. V. G. *O Livro dos Jogos e das Brincadeiras para todas as idades*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 1997.

BROWN, L. K., BROWN, M. *Qual é o grande segredo? – Falando sobre sexo com meninas e meninos*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1998.

FRIEDMAN, A. *Brincar: crescer e aprender* – O resgate do jogo infantil. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

KRAMER, S. *Com a pré-escola nas mãos* – uma alternativa curricular para a Educação Infantil. São Paulo: Editora Ática, 1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo de. *Dezenove poemas desengonçados*.

AMORIM, M. *Atirei o pau no gato* – a pré-escola em serviço. Editora Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, H., FROESLER, M. G. V. G. *O Livro dos Jogos e das Brincadeiras para todas as idades*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 1997.

BROWN, L. K. e BROWN, M. *Qual é o grande segredo?* – Falando sobre sexo com meninas e meninos. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1998.

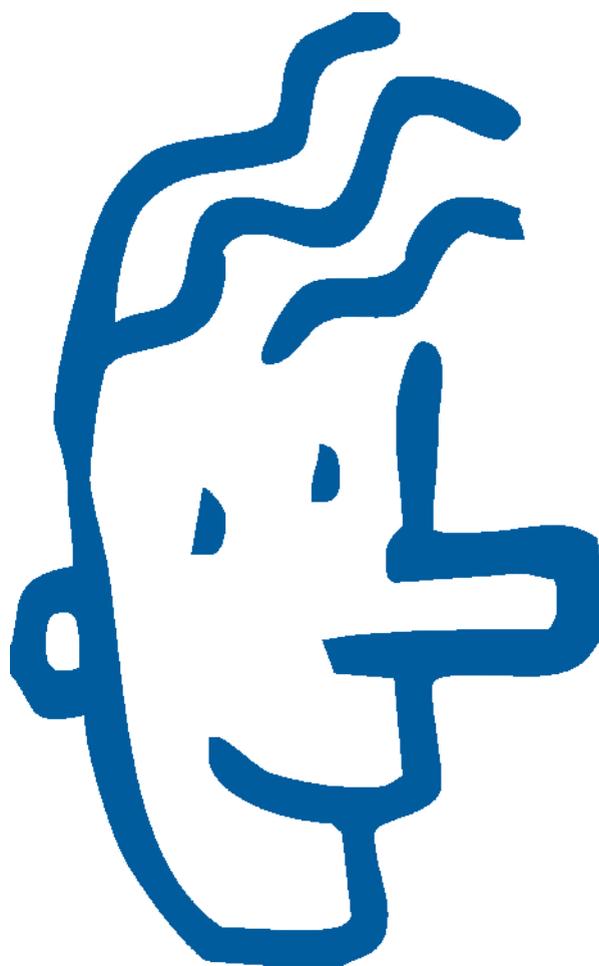
FRIEDMAN, A. *Brincar: crescer e aprender* – O resgate do jogo infantil. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

KRAMER, S. *Com a pré-escola nas mãos* – uma alternativa curricular para a Educação Infantil. São Paulo: Editora Ática, 1997.

MIGUEZ, Fátima. *Paisagens da infância*. Rio de Janeiro: Zeus, 2003.



C - ATIVIDADES INTEGRADORAS





Os textos da Unidade 7 de **Fundamentos da Educação** e de **Organização do Trabalho Pedagógico** deste Módulo II, abordaram o papel do brincar e da brincadeira de faz-de-conta no desenvolvimento infantil, oferecendo sugestões para sua prática pedagógica. A atividade a seguir toma por base o que foi discutido nos textos dessa Unidade 7.

Antes do Encontro Quinzenal:

- 1. Para realizar a atividade que vamos propor a seguir, sugerimos que você faça uma releitura da Unidade 7 de **Fundamentos da Educação** do Módulo II.*
- 2. Ao fazer essa releitura, é sempre bom ir marcando partes do texto que você julgar mais interessantes ou sobre as quais você tenha dúvidas. As dúvidas podem ser discutidas com seu tutor.*
- 3. Localize, na Unidade 7 de **Fundamentos da Educação**, o trecho que fala sobre a cultura infantil ou cultura lúdica, marcando essa parte do texto.*
- 4. Releia, agora, a Unidade 7 de **Organização do Trabalho Pedagógico**. Esteja atento(a) ao que o texto fala sobre o modo como as crianças vão aprendendo no meio cultural onde estão inseridas os papéis que a sociedade define para meninos e meninas, marcando as partes do texto que discutem essa questão.*
- 5. Leve para o encontro quinzenal revistas, jornais, ou mesmo desenhos onde apareçam imagens que mostrem os papéis que a sociedade define para meninos e meninas.*

Durante do Encontro Quinzenal:

- 1. Reúna-se em duplas ou trios com outros(as) colegas de seu grupo do PROINFANTIL.*
- 2. Organizem um mural com as imagens que vocês trouxeram e criem frases sobre o modo como as crianças, em suas brincadeiras, atribuem novos significados aos papéis que a sociedade atribui a meninos e meninas. Para criar as frases, utilizem os trechos dos textos que vocês marcaram antes do encontro quinzenal. Exponham os murais, que podem ser levados para as instituições onde vocês trabalham.*

